



A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA BANHA DE PORCO NAS PÁGINAS DO JORNAL DIÁRIO DOS CAMPOS DURANTE A DÉCADA DE 1930 EM PONTA GROSSA

Marcelo França Kaiut ¹
Rosângela Wosiack Zulian ²

INTRODUÇÃO

No início do século XX, o jornal como meio de comunicação foi considerado um aparato da modernidade. Ao mesmo tempo em que estava presente como formador de opinião, procurava também firmar um determinado posicionamento frente a sociedade por meio das notícias publicadas, abordando questões como os esportes, lazer, manifestações culturais, política e casos de polícia (CHAVES, 2001, p.43).

Mas qual seria o posicionamento do Jornal Diário dos Campos frente ao comércio de banha? Quais discursos poderiam caracterizar a banha dentro do conceito de “Cidade Civilizada”, presente no contexto histórico da época? Qual o significado do comércio da banha para o imaginário local?

No livro “*A cidade civilizada*”, Chaves (2001) trabalha os discursos e representações do Jornal Diário dos Campos na década de 1930, fazendo uma análise do jornal diante dos acontecimentos da época e a opinião e a influência deste na sociedade, considerando este veículo de comunicação como uma representação da sociedade daquela época.

Relacionado ao contexto nacional nos anos iniciais do século XX, há o discurso da modernidade, referente à industrialização, urbanização, questão sanitária e a vinda de imigrantes para o Brasil (SEVCENKO in NOVAES, 1998, p.15-16).

Segundo Sevcenko (1998) a modernidade estaria aliada ao progresso tecnológico e material, sobre aspectos que até então não faziam parte do cotidiano do brasileiro, apresentando considerável impacto na vida da população, como o uso de automóveis, energia elétrica, ferrovia, telefone, cinema e o próprio jornal (SEVCENKO in NOVAES, 1998, p.38-39).

O que se propõe neste trabalho é uma análise da influência do jornal como formador de opinião sobre a sociedade. Chartier (1990) destaca as práticas às quais o historiador deve ficar atento quando trabalha com fonte escrita. A obra deste autor contribui em muito para a análise das páginas do Diário dos Campos, dentro de um trabalho historiográfico, pois a utilizamos como ponto de partida deste trabalho:

Quer se considere o caráter todo-poderoso do texto, e o seu poder de condicionamento sobre o leitor(...) o que significa encarar os atos de leitura como uma coleção indefinida de experiências irreduzíveis umas às outras. Transformar em tensão operatória aquilo que poderia surgir como uma aporia inultrapassável é o desígnio, a aposta, de uma sociologia histórica das práticas de leitura que tem por objetivo identificar para cada época e para cada meio, as modalidades partilhadas do ler – as quais dão formas e sentidos aos gestos individuais -, e que coloca

Resumo: O presente trabalho tem como tema a representação social da banha de porco nas páginas do Jornal Diário dos Campos, ao longo da década de 1930, na cidade de Ponta Grossa (PR). A análise conjunta das representações construídas sobre o tema nas fontes jornalísticas possibilitou a percepção do contexto social, cultural, político e econômico da época da cidade.

1 Licenciado em História. Especialista em História, Arte e Cultura (UEPG). Email: marcelok1986@hotmail.com

2 Orientadora. Doutora em História (Ufsc). Professora do Departamento de História e do Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

no centro de sua interrogação os processos pelos quais, face a um texto, é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação (CHARTIER, 2002, p.121.).

Com a leitura de Chaves e de Chartier, já se tem um perfil prévio do Diário dos Campos durante os primeiros anos do século XX. O jornal publicava notícias referentes à urbanização, à industrialização, à higiene, assumindo o papel de porta-voz do progresso e da modernidade. Muitas de suas notícias se dirigiram a determinados setores da sociedade, estando explícito o posicionamento deste veículo de comunicação. Mas sob quais discursos ou influências o Jornal publicava as notícias referente à banha?

Com os questionamentos feitos nos parágrafos acima, percebe-se que o tema não estará restrito ao campo econômico, mas também possibilita questionamentos dentro do âmbito político, social e cultural. Ou seja, as problematizações apontadas, não poderão ser analisadas de maneira isolada, sendo comum a ligação entre os objetivos propostos.

O presente trabalho se justifica pois não encontramos qualquer abordagem historiográfica na região dos Campos Gerais a respeito do comércio da banha, possivelmente devido ao fato de que a economia da época estava ligada ao beneficiamento da erva-mate e da madeira, principalmente no nível industrial e de exportação.

Segundo Couto (2004, p. 153-154) a instalação de fábricas de banha ocorreu em um momento onde este produto era importado em barricas dos Estados Unidos pois no período (finais do século XIX) inexistia uma indústria do gênero no Brasil. Pode-se dizer que seu precursor foi o italiano Francisco Matarazzo que passou fabricar a banha em latas.

A banha era um produto de consumo local e cotidiano, em um período que não havia outro que o substituísse. Por ser pouco utilizado na contemporaneidade, passa despercebida a importância que este teve em épocas anteriores, presente nos hábitos da população, desde a fabricação de pães, bolos e salgados, servia como tempero na alimentação e conservação de alimentos, e sua utilização integrava uma prática cultural da época (BACH, 2009, p.14).

Em segundo lugar, este produto gerava renda para os produtores e comerciantes. Destaca-se, no entanto, a possibilidade desta temática estar inserida dentro da História Cultural, em conjunto com a História da Alimentação.

Terceiro, porque na análise das reportagens do Diário dos Campos da década de 1930, o fato que nos chamou a atenção é que as notícias eram pu-

blicadas muitas vezes na primeira página do jornal como a manchete do dia e tema central de várias publicações. Como em várias reportagens o assunto ocupava quase a metade de uma página, percebe-se aí a importância que o produto teve nas páginas deste veículo de comunicação.

As fontes utilizadas para o desenvolvimento do presente trabalho serão Tabelas de Impostos sobre a declaração de fabricantes e contribuintes da década de 1920 e 1930, o Álbum de Ponta Grossa de 1936, ambos relacionado com a análise do Mapa de Ponta Grossa do final da década de 1920, para fazer um levantamento das fábricas de banha e a localização destas na cidade, assim como a entrada de suínos e escoamento da produção.

Há outras fontes relacionadas ao crescimento médio da população de 1890 a 1920 e a distribuição tanto da população tanto de imigrantes por atividades produtivas, para analisar as características da economia da época na cidade.

Conforme Chartier:

As representações do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (...). Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social (...), muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto os menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 1988, p.17).

Segundo Hobsbawm:

Se o uso da teoria deve ser mais que marginal para os historiadores (e também na prática social, eu diria) ela precisa ser especificada de maneira a trazê-la mais para perto da realidade social. Ela não pode se permitir, mesmo em seus modelos, desviar-se do verdadeiro fardo da vida, como as dificuldades práticas de substituição. (HOBSBAWM, 1998, p.131).

Na citação anterior ambos autores indicam que as fontes devem ser utilizadas para compreender fenômenos e práticas sociais de uma determinada época e sociedade, no caso do jornal, para analisar quais as práticas e ações deste meio de comunicação adota sobre o comércio de banha na cidade.

Com relação ao posicionamento de Chaves, leva-se a entender o jornal como um espelho da cidade de Ponta Grossa durante as primeiras décadas do século XX. Valendo-se destes argumentos convém reforçar o conceito de representação:

Mais do que conceito de mentalidade, ela permite

articular três modalidades da relação com o mundo social: (1º) em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos, (2º) seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; (3º) por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns ‘representantes’ (instancias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1988, p.23)

Ou seja, percebe-se o conceito de representação trabalhado aqui por Chartier (1988), como uma ferramenta na prática do trabalho com as fontes, de como as notícias do jornal representavam a cidade de Ponta Grossa, principalmente as notícias referente a banha. De que maneira o jornal publicava estas notícias? Qual a posição deste veículo de informação frente a este comércio? E para quem se destinavam as notícias? Como pode ser percebido nos apontamentos de Franco e Silva no que se refere a análise metodológica do jornal como fonte histórica.

Entretanto, tomar o jornal como fonte não significa pensá-lo como receptáculo de verdades; ao contrário, o que se propõe é pensá-lo a partir de suas parcialidades, a começar pela observação do grupo que o edita, das sociabilidades que este grupo exercita nas diferentes conjunturas políticas, das intenções explícitas ou sutis em exaltar ou execrar atores políticos. Em outras palavras, observar as múltiplas vinculações que a fonte tece com o meio propicia ao pesquisador “olhar os documentos e decodificá-los a partir de seus usos e finalidades” (FRANCO; SILVA, 2010, p.05).

A elaboração trabalho ocorrerá pelas análises das fontes da época, contrapondo com as obras referentes ao período a ser trabalhado. As análises não serão feitas de maneira isolada, sendo comum algumas das questões apontadas estarem interligadas explicitamente ou implicitamente, sendo uma única fonte passível de várias interpretações.

Não se trata da observação de fatos isolados em série, mas de conjuntos de fatos com suas regularidades próprias; da repetição de certos tipos de acontecimentos; da congruência de certos tipos de comportamento em diferentes contextos – em suma, das evidências de formações sociais sistemáticas e de uma lógica comum do processo. (THOMPSON, 1981, p.58).

Independentemente de qual seja a fonte, esta não fala por si só, é necessária a compreensão do fenômeno histórico. De acordo com Chartier:

Por outro lado, esta história deve ser entendida como estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga ideia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único – o qual a crítica tinha a obrigação de identificar –, dirige-se às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação de distâncias, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação. (CHARTIER, 1988, p.27-28).

Embora o conjunto de fontes apresente-se extenso, será possível analisar as fontes de maneira conjunta, comparando as notícias dos jornais entre si e utilizando daquelas mais relevantes para as considerações do trabalho. Outrossim, entre as notícias publicadas no Diário dos Campos, encontramos propagandas sobre a banha. E, neste caso, julgamos pertinentes algumas considerações:

Mas, as imagens quando associadas a esses outros elementos, formavam significados reveladores de um imaginário rico de nuances das relações existentes na sociedade que os gerou. Antes do ato de ingerir o alimento pela boca os indivíduos são convidados pelos apelos visuais dos rótulos a comer o alimento com os olhos. Neste processo, transparecem as emoções mais primitivas, os desejos mais recônditos, as crenças mais arraigadas. Naquilo que os rótulos revelam, pode-se observar hoje, mesmo passado tanto tempo, um pouco das escolhas, das sensibilidades, dos gostos, das motivações da sociedade que os gerou. (BOGUSZEWSKI, p.24.)

Percebe-se a importância das análises das propagandas da época referente a banha embora poucas possibilitem a reflexão e análise do contexto histórico de Ponta Grossa na década de 1930. No entanto é possível perceber a forma que estas apelam para a escolha por parte do leitor sobre uma determinada marca fabricada, ou ainda o motivo desta ser usada para fins de propaganda.

A compreensão de um determinado contexto histórico não ocorre somente por meio de análises de trabalhos referentes a uma época estudada, a análise ocorre com um embasamento de uma metodologia de trabalho, não somente para clarificar as fontes, mas como uma maneira de se trabalhar a história, analisando-as e a relacionando com a bibliografia de época. Assim postulam Cardoso e Vainfas em relação à análise textual:

Pelo contrário, trata-se, antes, de relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se

exprimem e o conjunto de determinações extra-textuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos. Em uma palavra, o historiador deve sempre, sem negligenciar a forma do discurso, relacioná-lo ao social. (CARDOSO; VAIN-FAS (orgs), 1997 p.540)

No primeiro capítulo trabalharemos as décadas de 1920 e 1930, relacionando o contexto nacional com o local, sobre quais os fatores que propiciaram a instalação das fábricas de banha, a localização das fábricas e a importância do comércio para a cidade. Será considerada a banha como alimento, o que se constituiu em uma categoria histórica para pensar a dinâmica social principalmente quando se analisa os jornais da época.

Com a proposta de fazer uma história econômica tributária da história cultural, visamos explicar a sociedade da época pela “janela” econômica sem desconsiderar os demais aspectos como a modernidade, sociabilidades, etc.

No segundo capítulo analisa-se os discursos contidos nas notícias sobre a banha publicadas no jornal sobre, a questão sanitária e higiene, a localização de fábricas no centro da cidade, assim como o estudo da qual a mensagem que as propagandas queriam informar para o público, relacionando com o contexto histórico da época.

Para finalizar o trabalho, será analisado o posicionamento do jornal frente ao comércio e a finalidade das notícias publicadas, ou seja, qual a relação principalmente dos fabricantes com o jornal e a imagem destes para os leitores.

Embora este tema não seja muito discutido na historiografia sobre Ponta Grossa, percebe-se será possível levantar e trabalhar os vários pontos de partida propostos, até porque o mesmo se apresenta como um produto do conhecimento histórico inacabado, possibilitando outras indagações à respeito do tema.

O Brasil em busca da modernidade

Ao estudarmos sobre a história do Brasil na década de 1920, percebemos que o mesmo foi palco de inúmeras conturbações tanto políticas quanto econômicas. Isso refletiu na reivindicação de direitos e participação da cidadania, negados a certos setores da população, ou mesmo na revolta perante o beneficiamento de determinadas parcelas da sociedade. A partir de toda a problemática des-

ta década é que poderemos pensar os anos 30, que é o foco central deste trabalho.

É um truismo afirmar a importância dos anos 20 para a história brasileira. Ao longo desse período, marcantes e decisivos acontecimentos foram contribuindo, aos poucos, para, ao mesmo tempo, configurar uma etapa da vida brasileira e apontar as contradições nas quais estava imersa. Os dez anos finais da Primeira República foram pródigos em manifestações e eventos que singularizam este período, tornando-o, portanto, fundamental para a explicação do Brasil Contemporâneo. (SARETA; LORENZO (org.) 1997, p. 217).

O período ao qual Sareta se refere é o da República Velha, que teve como representantes a elite oligárquica, em especial os grandes produtores paulistas de café, que agiam de acordo com seus interesses, principalmente sobre a política de valorização do produto. Por sua vez a política do poder local por parte dos coronéis descentralizava o Estado dificultando as intervenções deste último sendo, no entanto de essencial importância no período eleitoral na composição de chapas, desde que houvesse o atendimento de determinadas demandas em seu benefício (LINHARES (org.) 1990; MONTEIRO, 1990. 219).

Outros embates ocorreram durante a década de 1920, como a disputa pela hegemonia econômica entre os industriais e a oligarquia rural. Houve também a crítica realizada pelo movimento Tenentista ao regime político vigente; o próprio movimento operário que reivindicava direitos trabalhistas e, no final dos anos 20, a crise de 1929 que deixou clara a fraqueza sobre o modelo de economia adotado no Brasil (LINHARES (org.) 1990.; MONTEIRO, 1990, p. 233-236).

A década de 1930 inicia com ascensão de Getúlio Vargas ao poder, diferenciando-se do regime anterior pois não privilegiava o grupo oligárquico, não tinha o interesse de beneficiar uma única classe, não tinha como suporte a hierarquia social econômica segundo Gomes, (1998, p. 515) “Os anos que decorrem entre outubro de 1930 e novembro de 1937, são dominados por conflitos e negociações, violentos e delicados, quando as forças vitoriosas definiram que ‘entre o povo e o governo não haveria mais intermediários’.”

O governo Vargas colocou-se contra o modelo coronelista oligárquico, optando por uma maior autonomia do Estado no que dizia respeito aos direitos da população assim como na vida política. De acordo com Gomes o governo se baseou na

especialização técnica, através da criação de institutos e de ministérios, em especial o do Trabalho com a criação da CLT, principalmente por meio do corporativismo para a formação sindical, usando destes instrumentos para a organização do povo brasileiro. (SCHWARCZ (org); GOMES, 1998, p.515-520)

Paralelo a estes acontecimentos, nos anos iniciais do século 20 o Brasil viveu a época do discurso do progresso e do moderno, principalmente na cidade de São Paulo, que viveu os ares da industrialização e remodelação do espaço urbano. Na cidade do Rio de Janeiro, o discurso da modernidade estava presente na paisagem urbanística e na abordagem das questões sanitárias.

Um tempo mais acelerado, impulsionado por novos potenciais, energéticos e tecnológicos, em que a exigência de acertar os ponteiros brasileiros com o relógio global suscitou a hegemonia de discursos técnicos, confiantes em representar a vitória inelutável do progresso e por isso dispostos a fazer valer a modernização a qualquer custo. (NOVAES (Coord.); SEVCENKO (Org.), 1998, p.27).

As representações do progresso e do moderno foram muito além da urbanização e da industrialização, pois estavam presentes no cotidiano da população por meio do uso do rádio, do telefone, da energia elétrica e da estrada de ferro. O interessante foi não somente a variedade de invenções tecnológicas para a época, mas também a assimilação da população de modo que parecesse familiarizada com as novas invenções. (NOVAES (Coord.); SEVCENKO (Org.), 1998, p.38-39).

As instalações de indústrias no Brasil ocorrem paralelamente à vinda do imigrante que, em alguns casos, traz consigo técnicas já adotadas em seus países de origem (ALVIM In: SEVCENKO (Org.), 1998, p. 286). O capital da elite oligárquica aliou-se a mão de obra dos imigrantes, auxiliando no crescimento industrial no país. Tais mudanças aconteceram de maneira lenta nos anos iniciais do século XX porque a produção não era voltada para o consumo interno, pois as poucas indústrias que se formaram no Brasil procuravam atender as demandas da Europa que aumentaram durante a 1ª Guerra Mundial.

Vinte mil imigrantes.

Rio 20- O "Mensagem de Roma" anuncia que o governo brasileiro pediu à Itália a remessa de 20 mil imigrantes para breve; a esse número seguirão outros mais importantes.

O governo italiano está estudando esta proposta, que provavelmente aceitará, pois que o nosso go-

verno oferece-lhes as maiores garantias. Jornal Diário dos Campos, 20 de novembro de 1922.

Há vários aspectos que ligam a cidade de Ponta Grossa com o contexto histórico nacional da época, como a mão de obra imigrante, a matéria-prima disponível como a erva mate e a madeira (sobretudo no sul do Brasil), o capital financeiro, a elite local, e a capacidade energética e de transporte, ou seja, a ferrovia como meio de escoamento da produção.

Da tropeada de gado para a tropeada de suínos: a indústria da banha em Ponta Grossa

A cidade de Ponta Grossa fez parte do Caminho do Viamão, que começava no interior de do Rio Grande do Sul, até a cidade de Sorocaba no Estado de São Paulo. Esse caminho era percorrido pelos tropeiros de gados, que levavam suas mercadorias para serem vendidas em Sorocaba, entre os séculos XVIII e XIX (DITZEL, 2007, p.26-33).

Nesse cenário, Ponta Grossa configurou-se em um importante entreposto comercial, dominado pela elite campeira, e para a venda de mercadorias e abastecimento dos tropeiros (DITZEL, 2007, p.33-34).

A decadência desta atividade ocorreu de forma gradativa, paralela com a chegada da ferrovia, em meados das décadas de 1880 e 1890, que reconfigurou o cotidiano da cidade, trazendo consigo o que havia de mais moderno para a época e alterando o cotidiano de Ponta Grossa. Pouco a pouco a cidade ganhou a posição de principal cidade do interior do Paraná.

[...] nascida da tradição do tropeirismo, a cidade atravessava um surto de desenvolvimento provocado principalmente pela chegada das ferrovias e de um contingente de imigrantes que ultrapassavam a casa dos milhares (CHAVES; BREMBATTI, 2008, p.13).

A instalação da ferrovia e a vinda dos imigrantes para Ponta Grossa contribuiu para o desenvolvimento da cidade, pois em 1890 a cidade contava com 4.774 habitantes, e em 1920 com 20.171 (GONÇALVES; PINTO, 1983, p. 81). Durante a década de 1930 75% da população estava inserida no meio urbano (CHAVES, 2001, p. 13).

Tabela 1 - Crescimento médio anual da população
Ponta Grossa – Censo de 1890, 1900, 1920

Ano	Total da população	Crescimento médio anual
1890	4.774	-
1900	8.355	5,4
1920	20.171	4,1

Fonte: GONÇALVES, M^a. Ap^a. C; PINTO, E. A. **Um século de vida (1823-1923)**. Ponta Grossa, Kluger Artes Gráficas, 1983, p.82

A imigração no Paraná ocorreu principalmente no meio rural voltada para a agricultura de subsistência nas colônias de povoamento. As condições precárias do solo, aliadas a colheitas fracassadas, contribuíram para a vinda do imigrante para a cidade.

Essa integração social e econômica, toda via não surgiu exclusivamente em decorrência da agricultura, uma vez que nem todos os imigrantes a ela se dedicavam. Muitos possuíam uma profissão que passam a exercer na cidade, possibilitando a alguns acumular economias, para abrir o seu próprio estabelecimento. Outros permaneceram na simples condição de empregados (GONÇALVES; PINTO, 1983, p. 117).

Houve casos de imigrantes que em seus países de origem tinham alguma profissão, em atividades como, carpinteiro, marceneiro, alfaiate, açougueiro, ferreiro, etc. e que direcionaram para a cidade. Em alguns casos poderiam trabalhar como empregados, ou até mesmo abrir seu próprio estabelecimento.

A presença do imigrante e a nova realidade urbana social no início do século XX trouxeram a necessidade da reorganização da sociedade, o que significa dizer que a elite campeira passou a dividir espaço com o imigrante, pois este começou a ganhar importância na sociedade, através das atividades que desenvolveram, além de participar ativamente nos rumos e nas decisões políticas da cidade (DITZEL, 2007, p.66).

Em função da existência do sistema ferroviário e abundância de matéria-prima e produtos beneficiados houve um crescimento do comércio e das indústrias na cidade, favorecendo o beneficiamento e comercialização da erva mate, da banha, e da madeira, possibilitando o escoamento da produção para os mais diversos lugares possíveis do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia,

até para Buenos Aires na Argentina e Montevideu no Uruguai. (CHAVES, 2006, p. 34).

Isso nos leva ao seguinte questionamento: como a cidade de Ponta Grossa, que teve suas origens na rota dos tropeiros de gado, passou ao longo do tempo a ter uma produção e a comercialização da banha? Quais os fatores que contribuíram para a efetivação desta atividade? Quem seriam os fabricantes? E em que região da cidade esta atividade estava concentrada?

A análise da tabela do censo de 1920, sobre a distribuição da população por atividades produtivas, permite a compreensão dos anos iniciais desta década.

Tabela 2 - Distribuição da população por atividades produtivas, segundo sexo e idade, Ponta Grossa – Censo de 1920.

Atividades	Porcentagem
Atividades Primárias	31%
Atividades Secundárias	24%
Atividades Terciárias	44%

Fonte: GONÇALVES, M^a. Ap^a. C; PINTO, E. A. **Um século de vida (1823-1923)**. Ponta Grossa, Kluger Artes Gráficas, 1983, p.69.

Dos habitantes que se declararam empregados ou com uma determinada profissão, há uma predominância do setor terciário com 44% da população declarada. Se somado ao setor secundário o resultado fica em torno dos 68%. Ou seja, ambos os setores são importantes pois a maioria destas profissões estavam inseridas no âmbito da cidade, percebe-se assim a passagem do meio rural para o meio urbano. Com a decadência da economia tropeira nos fins do século XIX, a cidade passou a concentrar as atividades econômicas no espaço urbano, como exemplo as fábricas e as casas comerciais na área central.

Um dos fatores dessa mudança ocorre pelo fato da elite campeira ter sua economia baseada na pecuária, e não apresentava um histórico marcante voltado para atividades agrícolas. Outrossim, não foi feito ainda um estudo sobre a vinda de imigrantes para trabalhar nas fazendas da região: em alguns casos as terras eram improdutivas para a agricultura, aspectos ainda presentes nos discursos durante a década 1920.

Reclamações do Povo:

Prezado Redactor e Amigo de Ponta Grossa:

Snr. Cadilhe.

Saudo-o cordialmente.

Sou pontagrossense, e desejo o progresso deste lugar, e sei também que necessitamos de bastante industrias e commercio; é o que tem sido a alma deste lugar, porque com a lavoura não podemos contar;

Jornal Diário dos Campos, 11 de maio de 1923.

Nesta notícia é percebida a consciência do leitor sobre a importância da instalação de fábricas, como sinônimo do desenvolvimento e progresso local, que dariam *status* e representatividade a Ponta Grossa, coisa que a lavoura, no momento, não seria capaz de fazer:

Entre os motivos da reimplantação consta a pobreza do solo que 'muito lindo para os olhos só produzia barba de bode', contra a qual todo o empenho não apresenta resultados positivos (GONÇALVES; PINTO, 1983, p.112)

É necessário levar em consideração que a infertilidade do solo foi apenas um dos fatores para a vinda do imigrante para a cidade, pois era comum o imigrante vir da Europa com uma determinada técnica ou conhecimento que lhe pos-

sibilitava trabalhar na cidade. Ainda, o próprio estava inserido no discurso da modernidade e do progresso, presente na Europa no início do século XX.

Em outro aspecto da mesma notícia, o leitor escreve sobre a modernidade e o progresso, inserido na mentalidade da época, como pode se perceber na finalização desta:

Confiando em V. S. espero que entenda como até aqui tem defendido, os interesses e o progresso d'esta bela cidade, que tem o dever de andar junto aos preceitos das cidades modernas.

Firma seu LEITOR.

Jornal Diário dos Campos, 11 de maio de 1923.

Aqui também há um apelo por parte do leitor, que entende que o papel do Jornal é o de defender a modernidade e o progresso local, função na qual o próprio Jornal se enquadrava: era comum este veículo de comunicação se declarar representante dos interesses da comunidade princesina.

A atuação do imigrante no quadro urbano passa a ser readequada às suas necessidades ou a possibilidade de ascensão econômica, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 3- Distribuição de imigrantes por atividades produtivas
Cartório Sant'Ana de Registro Civil
Ponta Grossa – 1889-1920

Profissões	Alemanha	Argentina	Áustria	Espanha	França	Holanda	Itália	Polônia	Portugal	Rússia	Síria	Suíça	Total
Açougueiro	2	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	4
Agrimensor	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Alfaiate	-	1	1	-	-	-	2	-	-	3	-	-	7
Barbeiro	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2
Barriqueiro	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2
Boleiro	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Canteiro	1	-	-	1	-	-	1	-	1	-	-	-	4
Carpinteiro	6	-	1	-	-	-	5	2	1	-	-	-	15
Carroceiro	1	-	-	-	-	-	-	2	-	2	-	-	5
Chapeleiro	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Comerciante	2	1	8	6	1	-	18	11	7	7	18	2	81

Profissões	Alemanha	Argentina	Áustria	Espanha	França	Holanda	Itália	Polônia	Portugal	Rússia	Síria	Suíça	Total
Curtidor	-	1	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	3
Dentista	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Eletricista	2	-	1	-	-	-	-	1	-	1	-	-	5
Encadernador	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	2
Enfermeiro	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Ferreiro	-	-	-	-	-	-	2	6	1	1	-	-	10
Ferrovário	4	-	1	-	1	2	6	5	-	1	1	-	21
Funileiro	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Fundidor	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Guarda-Livro	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3
Industrial	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	3
Jardineiro	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2
Lavrador	5	1	7	-	-	-	18	52	1	6	-	-	90
Marceneiro	4	-	3	-	-	-	1	4	-	-	-	-	12
Mecânico	3	-	1	1	-	-	1	1	-	-	-	1	8
Médico	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Oleiro	-	-	-	-	-	-	2	1	-	1	-	-	4
Operário	5	-	9	1	-	-	3	13	5	7	2	-	45
Padeiro	3	-	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	7
Pastor	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Pedreiro	-	-	-	1	-	-	5	3	2	-	-	-	11
Professor	1	-	1	-	-	-	-	1	1	-	-	-	4
Pintor	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	3
Sapateiro	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3	1	-	5
Total	49	4	39	13	3	2	70	110	19	32	22	4	367

Fonte: GONÇALVES, M^a. Ap^a. C; PINTO, E. A. **Um século de vida (1823-1923)**. Ponta Grossa, Kluger Artes Gráficas, 1983, p.118.

Através da análise da tabela, percebe-se uma destacada atuação do imigrante nos setores secundário e terciário da economia ponta-grossense, relacionado com o que foi apresentado anteriormente: as atividades dos dois setores concentram-se majoritariamente na cidade, sendo que profissões eram específicas de

um determinado grupo. Embora esta tabela se origine dos registros de casamento do cartório Sant'Ana, pode-se perceber a importância do imigrante para a conjuntura da cidade de Ponta Grossa, pois trouxe determinadas técnicas de seu país de origem.

No caso da fabricação da banha, observamos que se não é o próprio imigrante é o seu descendente

quem se apropria das técnicas e as coloca em prática como demonstra a tabela³ a seguir:

TABELA 4 – Fabricantes de banha durante as décadas de 1920 e 1930

Período	Fabricantes	Endereço da fábrica
1921-1923/1936-1937	João G. Justus	Av. Ernesto Vilela
1922-1923	Cristiano Justus jr	Av. Ernesto Vilela
1922-1926	João D. Hilgemberg	Av. Ernesto Vilela
1922-1927	Frederico Justus Sobrinho	Av. Ernesto Vilela
1922-1925	Indústria Matarazzo	Pelado (Colônia Dona Luiza)
1925-1929/1936	David Hilgemberg Jr.	Av. Ernesto Vilela
1926-1937	Cristiano Justus Jr.	Av. Ernesto Vilela/Gal. Rondon
1927-1935	Antônio Dechant	Paula Xavier
1929/1935-1938	Firma Justus e Cia	Cel. Solano
1929-1935	João Stremel	Ronda
1933-1938	Bruno Tammenhain	Gal. Carneiro
1933-1938	Reynoldo Schenekemberg	Av. Carlos Calvalcanti
1933-1938	Joana (Viúva) Schekemberg	Júlia Wanderlei
1933-1938	Samuel Albach	Cel. Solano
1935-1938	Justus Malanowski e Cia	Ernesto Vilela/D. Pedro II
1936-1938	Arthur Nadal e Cia	Vila Ana Rita

Fonte: Livro de Impostos da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa década 1921-1938. Acervo Casa da Memória

Primeiramente foi feita uma seleção dos principais fabricantes do gênero durante as décadas apontadas. Apresentamos apenas aqueles que declaravam o imposto com certa frequência, pois havia casos de alguns que declaravam o imposto apenas uma ou duas vezes o que aumentaria em muito o número de contribuintes citados.⁴

Por meio da tabela acima pode-se perceber alguns aspectos sobre a produção da banha, o primeiro seria pela análise do sobrenome dos fabricantes, descendentes de alemães, russos, italianos e polo-

neses, não sendo típica a produção por um brasileiro nato, ou por algum imigrante de nacionalidade não europeia.

Outra característica é a localização das fábricas de banha, sendo oito na região do bairro da Nova Rússia, quatro na região central da cidade, uma na entrada de Uvaranas, uma na Colônia Dona Luiza (Pelado), uma no bairro da Ronda, uma na Vila Rita.

O Jornal destaca a importância da banha para a economia da cidade tanto quanto o comércio de madeiras, dinamizando a expansão deste comércio no interior do Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Mi-

3 Esta Tabela é referente ao levantamento Livro de Impostos da Prefeitura Municipal, durante as décadas de 1920 e 1930, mas há alguns Livros em falta referente aos anos de 1924, 1928, 1930, 1931, 1932 e 1939, servindo esta fonte como demonstrativo dos principais fabricantes de banha que declararam o imposto deste produto durante este período, relacionando o Livro de Impostos com as tabelas de exportação, fabricação e as notícias e propagandas do Jornal diário dos Campos.

4 Se fosse o caso de citar todos os nomes dos contribuintes, chegariam a casa dos 40. No período estudado, foi muito comum o fato de alguns contribuintes não estarem inseridos no Livro de Impostos durante um determinado ano, mas percebe-se este mesmo contribuinte se dedicando a produção de banha, nas reportagens ou nas propagandas do Jornal Diário dos Campos. Assim como a maioria destes citados durante a década de 1910 eram proprietários de açougues, o que leva a compreender que estes também comercializavam a banha, mas em pequena escala, somente para o consumo local. Os primeiros contribuintes a declarar impostos sobre a produção de banha foram Vicente Motti, Albeto Luchure e José P. Garcia, o três no ano de 1914.

nas Gerais, Bahia e Pernambuco. O que impressiona é a quantidade de banha que foi exportada, assim como os derivados da carne de porco.

Exportação:

15 de novembro:

O Sr. Christiano Justus Jr. Exportou para S. Paulo um wagon de banha com 22 toneladas.

O mesmo despachou para P. Prudente de Moraes 30 caixas de banha.

O Sr. José Abdalla despachou para Botucatu 20 caixas de banha.

Jornal Diário dos Campos, 18 de novembro de 1932.

Comércio e Finanças:

Exportação:

Para Barra Funda, 1 vagão de banha por Justus Jr.

Para Barra Funda, 1 vagão de banha por João D.

Hilgenberg e Cia.

Para Barra Funda, 1 vagão de banha por Samuel Albach.

Jornal Diário dos Campos, 27 de dezembro de 1933.

Ao analisar o mapa de Ponta Grossa na década de 1920 e de 1930, percebe-se que a Ferrovia São Paulo - Rio Grande ligava a cidade aos municípios de Itararé (SP) e, ao sul, a União da Vitória, e a Ferrovia Paraná, que ligava Ponta Grossa a Curitiba, Antonina e Paranaguá.

Outro ponto a ser destacado é que na região do Bairro da Nova Rússia, segundo os mapas da época, não havia ferrovias instaladas, somente algumas estradas que serviam como porta de entrada de suínos na cidade oriundos das cidades de Pitanga, Guaruava, Reserva, ligando a cidade de Ponta Grossa ao interior do Paraná, por onde também parte de seus produtos eram exportados.

Mapa da cidade de Ponta Grossa final da década de 1920



Fonte: Jornal de História - Departamento de História da UEPG. Ano 02 ° 05 abril de 1997.

Acervo – Casa da Memória de Ponta Grossa – pr

Pode-se compreender que estes fatores foram determinantes para a instalação das fábricas na década de 1920, como a própria tabela apresenta: das dez fábricas que declararam suas atividades na década de 1920, quatro continuaram suas atividades durante a década de 1930, e durante este mesmo decênio, seis novas fábricas registraram seus impostos sobre a produção de banha.

Outro ponto a ser destacado se refere aos fabricantes deste produto, pois era muito comum que a atividade estivesse relacionada ao empreendedorismo de uma família, como exemplo a família Justus que, no período, chegou a ter cinco fábricas, a maioria delas em sociedade com outros proprietários. Assim como a família Hilgemberg que, segundo o livro de impostos da época e o *Jornal Diário dos Campos*, chegou a ter até três fábricas em seu nome. Da mesma forma a família Schenekemberg teve dois estabelecimentos onde era produzida a banha.

Com relação aos fabricantes estes poderiam ser dos mais variados segmentos da sociedade, como exemplo Christiano Justus Jr., proprietário de outros ramos econômicos⁵, e que ao final da década de 1930 ostentava o título de Coronel e participava dos interesses políticos da cidade. A família Hilgemberg e outros fabricantes que tinham uma pequena fábrica, muitas vezes para o sustento próprio e o consumo local⁶, residiam no centro da cidade. Em geral, fixavam a sua residência próxima as fábricas, sendo comum neste caso o trabalho familiar.

A produção e a comercialização da banha, embora fosse uma atividade aliada às necessidades da época, encontrou na cidade de Ponta Grossa espaço para sua dinamização e propagação. Seu estudo como uma atividade comercial vai além de uma simples análise econômica, devendo estar relacionado com o contexto histórico ponta-grossense da época.

Momento em que o Brasil começava a superar sua centenária história ligada ao mundo rural e a agro-exportação e iniciava uma nova fase, vinculada ao universo urbano e a industrialização, o ano de 1922 viu surgir uma série de movimentos, idéias, projetos e lideranças que indicavam o nascimento de um novo país [...]. Esse era o Brasil de 1922, país que definitivamente entra na modernidade capitalista e que se abria para grandes transformações que ha-

veriam de ganhar força nos anos seguintes, como a revolução de 1930 e os novos componentes sociais, políticos, culturais e econômicos trazidos por ela (BREMBATTI; CHAVES, 2008, p. 18; p. 20).

Esse seria o contexto histórico no qual as fábricas de banha estariam inseridas, que ganharia importância nas páginas do *Jornal Diário dos Campos* principalmente nas décadas de 1930, sendo possível questionar a representatividade que esta atividade teve por meio da análise deste meio de comunicação, e quais discursos e representações foram adotados pelo jornal em menção ao comércio de banha neste período.

O comércio de banha visto pelas páginas do jornal *Diário dos Campos*: entre a moralidade e a imoralidade

Gradativamente, em finais de século XIX e início do século XX, a cidade passa a contar com a instalação de ferrovias e a vinda de imigrantes com suas técnicas (mão de obra trabalhadora), assim como alguns aspectos da modernidade passam a fazer parte do dia-a-dia do ponta-grossense, como os teatros, cinemas, hotéis, restaurantes, comércio, indústrias e o próprio jornal. Isto faz com que a cidade passasse a presenciar um clima urbano denominado pelo *Jornal Diário dos Campos* como a “Princesa do século XX” (CHAVES; DITZEL (org.), 2001, p.65).

No início do século XX, o jornal como meio de comunicação foi considerado um aparato da modernidade da época. Ao mesmo tempo em que estava presente como formador de opinião, procurava também firmar um determinado posicionamento frente a sociedade por meio das notícias publicadas que abordavam questões como os esportes, lazer, as manifestações culturais, a política e casos de polícia (CHAVES, 2001, p.43).

Ao contrário, o jornal preferiu sempre enfatizar as qualidades e a harmonia entre os habitantes locais. Optou sempre por falar das belezas, das cores, dos locais públicos, do progresso material, das oportunidades propiciadas pela cidade. Essa era, pois, a “Cidade Civilizada” encontrada nas páginas do *Diário dos Campos*. (CHAVES, 2001, p. 67)

5 As atividades seriam casas comerciais e serrarias; foi membro da Associação do Comércio e da Indústria (atual ACIPG), e era representante dos fabricantes de banha em ocasiões de aumento de preço ou impostos, e sobre a fiscalização sanitária da banha e representante do partido P.S.D. de Ponta Grossa em 1936.

6 A banha era um produto que não exigia a princípio muita técnica, poderia ser de fabricação artesanal até o nível industrial, como pode ser percebido na análise das fontes e o livro de impostos havia ocasião de contribuintes que declaravam apenas em um ano ou dois, sendo comum este tipo de atividade um meio de obtenção de renda.

Analisando a citação anterior, pôde ser percebido que o jornal adotou um posicionamento referente às notícias publicadas. Mas qual seria o posicionamento do Jornal Diário dos Campos frente ao comércio de banha? Quais discursos poderiam caracterizar a banha dentro do conceito de “Cidade Civilizada”, presente no contexto histórico da época? Qual o significado do comércio da banha para o imaginário local?

A banha era um produto de consumo local e cotidiano, em um período que não havia outro que a substituísse. Presente nos hábitos da população, desde a fabricação de pães, bolos e salgados, servindo como tempero na alimentação e conservação de determinados alimentos na culinária, o consumo deste produto se caracterizava como uma prática cultural da época.

O alimento constitui uma categoria histórica, pois os padrões de permanência e mudanças dos hábitos e práticas alimentares têm referências na própria dinâmica social. Os alimentos não são somente alimentos. Alimentar-se é um ato nutricional, comer é um ato social, pois constitui atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações. Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro. A historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais como espelho de uma época e que marcam uma época. Neste sentido, o que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com quem se come. Enfim, este é o lugar da alimentação na História. (SANTOS, 2005, p 12-13)

Ao analisar as notícias dos jornais sobre a banha, é comum o leitor se deparar com muitos temas próprios do cotidiano daquele período, alguns de grande relevância para a sociedade da época, alguns apenas informativos, outros se fossem colocados em pauta hoje em dia poderiam parecer banais, mas isto mostra que a banha também tem história(s) para ser contada, ou melhor, teve o seu lugar reservado na História.

O contrabando de banha em Ponta Grossa: a entrada da banha clandestina fabricada no interior do estado

Durante a década de 1930 foi muito comum a entrada de banha clandestina na cidade, virando destaque nas páginas do Diário dos Campos, aca-
lorando discussões, apresentando diversos pontos de vista dos leitores, informando tanto fabricantes

e comerciantes assim como a população que tinha acesso ao jornal.

O excesso de tributação axphyxiando a industria de banha: pesados impostos de exportação dificultando das fabricas locais. O que nos disseram os S Srs. Ribas, Justus & Cia.

Acresce que aqui mesmo temos dificuldades, com a concorrência deshonestas dos fabricantes clandestinos que não pagando impostos, não possuindo aparelhos dispendiosos, podem vender muito mais barato a banha.

Essas “fabricas” proliferam na localidades circum-
visinhas. As latas conto ja varias vezes constatei são enviadas nas carroças sob sacos de hervamatte. Mal selados, não poucas vezes o pó da herva contamina a banha, que já é de péssima qualidade: não é batida e se deteriora com facilidade. Alguns comerciantes, atraídos pelo preço baixo, adquirem-na e vendendo as classes pobres, que nem sempre cuidam da pureza do gênero visto que o preço é conveniente. É uma ameaça constante a saúde publica. A municipalidade e a inspetoria federal devem exercer uma rigorosa fiscalização sobre taes factos.

Parte do commercio local está, muitas vezes, abarrotado dessa banha clandestina

Nós pagamos todos os impostos, somos obrigados ao registro, sem o que não podemos exportar. Agora a situação é esta: na praça temos a concorrência desleal da banha clandestina; para fora o imposto demasiado impede-nos de exportar!

Jornal Diário dos Campos, 07 de fevereiro de 1932.

As principais reclamações dos fabricantes locais sobre a entrada de banha clandestina, é que os fabricantes não pagavam impostos para circulação da mesma na cidade, fabricada por meio de um processo rudimentar em várias localidades do interior do estado, em especial na cidade de Prudentópolis.

Escondido e transportado no meio de sacos de erva-mate era comum encontrar este produto no comércio local devido ao baixo preço, revendido por comerciantes locais sem autorização do Serviço de Inspeção de Higiene do Município. Isso facilitava a aquisição por parte da população mais carente, proporcionando uma concorrência desleal pois o industrial, que além de pagar seus impostos sobre o número de suínos abatidos, pagava também sobre a fabricação da banha e a inspeção sanitária e a exportação do produto.

Combatendo o comercio clandestino e nocivo da banha fabricada no interior do Estado.

A banha insalubre, fabricada no interior do Estado, pelos processos mais rudimentares, continua a entrar clandestinamente na cidade.

Fabricantes de banha aqui em Ponta Grossa, que concorrem, anualmente, com a apreciável soma de 120 contos para os cofres públicos. Sujeitam-se a mais rigorosa fiscalização, determinada pelo governo, para o fabrico da banha.

No entanto, colonos rotineiros, que nenhum impos-

to pagam, fazem-lhe concorrência, com ajuda de alguns comerciantes, remetendo para esta cidade uma nociva gordura de porcos, muitos delles doentes, a qual é condicionada em latas de kerosene! Jornal Diário dos Campos, 10 de março de 1932.

A elaboração de notícias sobre a entrada de banha clandestina na cidade, foi realizada com a criação de campanhas contra a circulação deste produto, como a coleta de amostras e o recolhimento de atestados de análises da inspeção sanitária para publicar no jornal. Eram realizadas também, entrevistas com diretores do Posto de Assistência Veterinária da cidade e da Inspetoria de Higiene, e a publicação de decretos referente à sua comercialização.

A banha fabricada, sem fiscalização, no interior do Estado, não pode ser vendida nesta cidade!

O Dr. Alfredo Cinielo, digno Director de Higiene Municipal, baixou, hontem, o seguinte edital:

EDITAL

Directoria de Higiene Municipal de Ponta Grossa.

O Sr. Dr. Director da Higiene Municipal aviza aos srs. Comerciantes, fabricantes, açogueiros, etc. que expuzerem à venda produtos alterados sem fiscalização previa desta Directoria, serão considerados violadores da lei, infratores das posturas Municipaes e do regulamento Sanitario em vigor; consequentemente sujeito às penas do Dec. Federal 4.631 de janeiro de 1923, do Dec. Estadual 1.290 de 04 de julho de 1930 e da Lei Municipal 391 de 24 de setembro de 1914.

Em 12 de novembro de 1932. Dr. José Alfredo Cinielo Director da Higiene, interino.

Jornal Diário dos Campos, 13 de março de 1932.

As notícias sobre a venda clandestina na cidade foram frequentes durante a década de 1930, o jornal em seu ponto de vista procurava orientar a população para que consumisse a banha de qualidade, apresentando o decreto em suas páginas como tentativa de moralizar o comércio em benefício dos fabricantes locais.

Os jornais tentavam convencer os seus leitores de que a banha, principalmente a dos fabricantes que pagavam impostos e que passava por uma série de inspeções sanitárias antes de ser vendida, garantia a qualidade do produto e a saúde da população. Segundo o jornal, o produto que atendessem as normas de inspeção e o fabricante que estivesse em dia com os impostos atendia aos preceitos do progresso local e da modernidade, pois contribuía para o crescimento da cidade.

Mas percebia-se que o preço da banha de Ponta Grossa era mais alto do que a do interior do Estado e se destinava à exportação, pois os fabricantes locais desejavam obter maior lucro sobre o produto,

consequentemente a população com poucas condições adquiriria o produto clandestino.

A banha e a inspeção sanitária: uma questão de moral para o bem do comércio local

Assim como foi visto no sub-item relacionado ao contrabando da banha, a questão sanitária no processo de fabricação foi abordada com frequência nas páginas do Diário dos Campos.

As notícias publicadas sobre a questão sanitária, desde a localização e instalação de mangueirões em locais impróprios para a criação de suínos e com concentração de população nas redondezas, até a fiscalização sobre a fabricação da banha. O jornal buscava alertar sobre os riscos à saúde da população que consumia um produto que não atendia os requisitos de higiene e os padrões de fiscalização.

Estará, realmente grassando o typho em Nova Rússia?

Porque não se acabam os chiqueirões de porcos e as pocilgas dos quintaes?

Attendendo a justas reclamações de inúmeras famílias, temos condenado criteriosamente a existência perigosa de chiqueiros de porcos em zonas população densa, como Nova Rússia, Olaria, sem contar com as pocilgas domiciliares ali existentes, assim como em Villa Ana Rita e outros conglomerados suburbanos e populosos.

Agora acabam de nos trazer informações de que nos primeiros bairros tem havido alguns casos de typho, já se contado alguns óbitos provenientes desse mal. Ora, uma cidade como a nossa, não pode viver exposta a esses perigos, só porque certa gente entende de fazer criação de suínos em local inadequado, onde já nos bastam águas fétidas e carregadas do lageado grande, que conduzindo detritos pútridos de carniça vivem empestando os ares da cidade, numa época de calor insalubre a que atravessamos. As informações nos adiantam que ha pessoas rebeldes às proibições fiscais da prefeitura, conservando pocilgas domiciliares, onde os porcos - vejam bem! - onde os porcos, ao envez de serem cevados com farelo e milho, vivem chafurdando numa podridão de detritos que certa gente inextricavelmente vai buscar nos matadouros de suínos para a engorda da porcada de chiqueiro domiciliar!

É um atentado criminoso contra a saúde publica, que os fiscais precisam de combater mesmo com o auxilio da policia.

Nos centros populosos é um crime contra a hygiene urbana se fazer criação de porcos, pois tal coisa exige abundancia de agua e muita limpeza.

Jornal Diário dos Campos, 16 de março e 1935.

Por meio das reclamações dos leitores, o jornal publicava notícias referentes a manutenção de chi-

queiros de porcos e de pocilgas localizadas em quintais das casas dentro do quadro urbano, em especial nos bairros de Nova Rússia, Olarias e Ana Rita.

Devido ao calor da época de verão, a falta da canalização do esgoto, a criação de suínos em local inadequado e a alimentação dos animais com restos de suínos abatidos no matadouro da cidade para a engorda dos porcos formavam um ambiente propício para a criação de moscas e insetos. O mau cheiro no ar contribuía para que a população fosse contaminada pela varicela, tifo, gripes e cólica, como o próprio jornal anunciava “um atentado a saúde pública”. Faziam também com que os leitores através do uso do jornal apelassem para que os órgãos competentes tomassem uma iniciativa sobre o caso.

O estado sanitario da cidade precisa dos cuidados da hygiene

E principalmente de um bem justificado rigor fiscal.

Nós desejaríamos que as autoridades sanitárias percorressem as zonas empestadas pelas podridões de chiqueiros e mangueirões, quando o sol a pino faz fermentar aquella vasa feita de restos de açougue em decomposição.

Calculem se uma autoridade federal, graduada, apparecesse por ahi a fazer visitas a certos estabelecimentos industriaes quem mantem a fedentina criminosa e insalubre desses mangueirões de 800 a 1.000 porcos a se nutrirem de carne podre, sob um sol abrazador e uma epoca de canícula insalubre como atravessamos.

Jornal Diário dos Campos, 20 de março de 1935.

Ao ler as notícias anteriores, pode ser percebido que as reclamações dos leitores não ocorrem somente com a criação de pequenos chiqueiros nos quintais das casas, mas se estendiam as grandes fábricas de banha. O problema não era específico de uma região, se alastrava por grande parte da cidade, muitas vezes ocorria em bairros distantes, devido à quantidade de fábricas e quintais espalhados pela cidade.

Problemas como os descritos nos parágrafos anteriores não foram comuns somente nos bairros afastados do centro da cidade. Houve casos que a instalação de fábricas no perímetro urbano próximo a região central, fez com que o jornal intensificasse a cobrança sobre a questão da higiene nas mesmas ou até mesmo criticando a localização desta em local inadequado próximo a população.

Uma fabrica de banha installada no centro urbano

Recebemos diversas denuncias contra certa fabrica de banha, que contrariando os expressos dispositivos legais, encontra-se localizada em uma zona bastante habitada onde já se estende a cidade.

Sendo este ponto um lugar de grande conglomerado de residencias, uma zona eminentemente residencial, não se explica a existência dessa fabrica alli.

Inumeras reclamações temos recebido, pois que os proprietarios da fabrica conservam no mesmo local as mangueiras e inumeros porcos – em numero superior as que estipula a lei respectiva – o que torna insuportavel a residencia das famílias por todas aquellas redondezas.

Esse estado de coisas, deveras lamentavel, não podem persistir.

Nós vamos vivendo uma estação do ano em que todos os cuidados hygienicos ainda se fazem deficientes. Não é admissivel, pois, que um industrial ponha em perigo a vida e a saude de algumas centenas de pessoas, simplesmente por espirito de mercantilismo.

Fazem-se urgentes medidas que venham pôr termo a tudo o que se esta observando e de que são testemunho as cartas que temos recebidos quase diariamente.

Jornal Diário dos Campos, 14 de janeiro de 1939

A reclamação no jornal ocorre não somente pelo fato desta fábrica estar localizada no centro da cidade, mas que a mesma descumpria um dos decretos do governo municipal referente à criação de suínos dentro do quadro urbano. Pode ser visto também o apelo moral por parte do jornal relacionando o perigo desta indústria que expõe a população risco de contaminação de várias doenças.

Paralela à questão da criação de porcos no quadro urbano e a contaminação eminente de doenças proveniente da falta de cuidados com os animais, o jornal preocupou-se mostrar em suas páginas as ações da inspeção federal com o intuito de informar a população sobre a qualidade da banha fabricada em Ponta Grossa.

A banha fabricada em Ponta Grossa está sendo melhor reputada que a do Rio Grande.

Com o propósito de bem informarmos os nossos leitores com relação a fiscalização e a inspeção que são feitas em nossas fabricas de banha, presuntos, salames, mortadelas, etc. , resolvemos entrevistar hontem o ilustre tecnico Sr. Dr. José Rodrigues de oliveira, inspector chefe do serviço de Inspeção de Produtos de Origem Animal, em Ponta Grossa, departamento esse que é subordinado ao ministerio da Agricultura.

[...] _ E como vão indo nossas fabricas que produzem para exportação?

_ Estou satisfeito com todas. Os seus proprietarios compreenderam, intelligentemente, as vantagens da fiscalizacao federal em prol da cotação do proprio produto. Sobe de ponto essa satisfação, quando é certo que Ponta Grossa esta se tornando um padrão no sul nesse genero industrial. Tanto é sim que proprietarios e technicos de fabricas, em Joinville, tem vindo a Ponta Grossa para bem apreciarem a organização do serviço, que aqui é feito com escrupulo e competencia. Basta este facto, para que nos manifestemos orgulhosos da industria que possuímos nesta formosa cidade. A banha fabricada em Ponta Grossa já está sendo melhor reputada do que a do Rio Grande.

Jornal diário dos Campos, 27 de julho de 1934.

Neste caso foi feita uma entrevista com o chefe do serviço de inspeção dos produtos de origem animal, qual apresentou um parecer sobre a qualidade deste produto.

No corpo da notícia o inspetor apresenta o processo de inspeção da banha, destacando que a fiscalização traz benefícios para os fabricantes. Estes podem vender e exportar um produto de qualidade que atende aos anseios de higiene e aos propósitos da fiscalização sanitária. O consumidor final passa a ser o maior beneficiado em adquirir um produto de qualidade.

Apresenta também o reconhecimento que as fábricas de banha passaram a ter com a atuação da fiscalização ao longo do tempo, se tornando um padrão de referência de fabricação no sul do Brasil. Ao mesmo tempo as fábricas de Ponta Grossa concorrem com a banha do Rio Grande do Sul em pé de igualdade, sendo motivo de orgulho para o comércio local.

A inspeção, de acordo com as notícias do jornal, ocorre desde a seleção dos suínos para a matança, acompanhamento no processo de fabricação da banha até o enlatamento do produto quando é feito um relatório de análise do produto para comprovar a qualidade para o consumo como exemplo da análise impressa no jornal:

A análise

Banha "Nadyr" fabricada por Justus e Cia. Ltda.
Registro 986 do S. I. F., resultado:
Aspecto proprio. Cor branca. Cheiro proprio. Sabor

proprio. Consistencia pastosa. Acidez por soluto normal, por cento 1cc 8
[...] Reações ceadas por óleos: negativas.
Materia corante: ausencia.
Conservadores: ausencia.
Elementos minerais tóxicos: ausencia.
Conclusão:
Producto bom para o consumo de acordo com o regulamento vigente.
Quimico – Isabella Von Sydon Willotin.
Dr. N. Machado Silva Chimico – chefe
Alb. De Paula Rodrigues - Inspector
Doccio de Menezes – Director
Jornal Diário dos Campos, 24 de outubro de 1935.

O simples fato de o jornal publicar o relatório de análise da banha pode ser interpretado que este meio de comunicação utilizava este artifício para dar créditos a banha fabricada neste município, visto que a mesma concorria no mercado local com a banha clandestina vinda do interior do Estado e com pequenos fabricantes locais que muitas vezes forneciam seu produto nos armazéns. A apresentação da análise funcionava como um incentivo, como fonte de credibilidade para o leitor consumisse a banha fabricada em Ponta Grossa, que segundo a fiscalização tinha a sua qualidade comprovada, sem materiais nocivos a saúde do consumidor.

Durante a década de 1930, não foi muito corriqueira a publicação de propagandas de fábricas de banha na cidade, isto ocorria somente em épocas de festividades como Natal e Ano Novo ou em datas comemorativas como na da fundação do jornal Diário dos Campos.



Jornal Diário dos Campos, 24 de dezembro de 1933

A propaganda da fábrica de banha Anita de propriedade de Bruno Tammenhain também contava com açougue para a revenda de seus produtos. Esta propaganda em seu esquema de apresentação procura se mostrar com clareza e objetividade ao leitor, tendo ao centro uma imagem interna de seu açougue na parte de cima o título da mesma “Açougue e fábrica de banha Anita”, com o nome do proprietário na parte de baixo.

Do lado direito da imagem apresenta a seguinte frase “Salsicharia em geral”, fazia o leitor entender proprietário se dedicava a produção de salsichas. Abaixo desta frase apresenta o endereço da fábrica localizada na Rua General Carneiro, na região central da cidade.

No lado esquerdo da imagem central, há uma frase em letras grandes com o seguinte dizer “Estabelecimento de primeira ordem” e “Higiene absoluta”, mostra o apelo da propaganda ao leitor, em dizer que este estabelecimento cumpre com os preceitos de higiene da época sujeitando seus produtos a fiscalização sanitária. A propaganda enfatiza a satisfação das necessidades da clientela em um período em que havia a concorrência com a banha clandestina. Esse era o ponto chave da propaganda para conquistar o leitor.

Ao trabalhar o processo da fabricação da banha, o jornal usava palavras como modernidade e progresso como a ordem do dia. E, para isso, em várias ocasiões, buscava conscientizar os leitores e a população, para que reajustassem seus hábitos perante o consumo de banha clandestina ou aquela fabricada na cidade de maneira rudimentar.

Isto acontecia quantas vezes fosse preciso, seja por meio de decretos, de comprovação de análises do produto, de discursos e entrevistas com técnicos em inspeção sanitária, através mesmo das notícias ou propagandas. Estas estratégias procuravam através do apelo moral afetar o cotidiano da população, para que com o passar dos tempos se sentisse familiarizada com as mudanças, fazendo da cidade de Ponta Grossa, uma representação de uma “dita modernidade”.

A banha e os atos oficiais da diretoria de higiene: medidas que devem ser tomadas

Durante a década de 1930 foi constante o discurso sobre a idealização de uma cidade civilizada,

visando à modernidade e o progresso local. As fábricas de banha também estavam inseridas neste discurso, onde eram abordadas questões como o problema da banha clandestina e da questão sanitária.

Contribuindo para este ideal o jornal publicava os atos da Diretoria de Higiene do município, com intuito de manter a organização do espaço urbano, sobretudo controlar as ações dos fabricantes de banha, informando aos infratores para tomarem as devidas providências sobre as transgressões ou pendências.

Atos oficiais – Diretoria de Higiene

Intimações feitas na semana de 24 a 31 de dezembro de 1932

Narcisa aurora do Nascimento, residente na rua do Rosário n.04 – construir um recipiente para proteger as fructas que são vendidas aos pedaços.

Rafael Coppla residente na rua Dummont n.186 – Construir uma fossa nova para as casas n.158 e 160, da rua Santos Dumond.

Gaspar Schwab, residente à Av. Vicente Machado n.49 – mandar retirar dois porcos do quintal, e não cumprido será multado em 20\$000.

Rafael Coppla, residente à rua Santos Dumont n. 186 – Requerer vistoria sanitária para o prédio n. 184 da rua Santos Dumond.

Jornal diário dos Campos, 04 de janeiro de 1933.

Ao ler a notícia anterior e analisar em conjunto outros atos, pode ser visto que os atos da diretoria de higiene eram amplos, atendiam a vários estabelecimentos, desde a banca de frutas, criadores de porcos em quintais, construção de fossas e vistoria sanitária nos prédios comerciais, fechamento de poço abandonado e o cuidado com as instalações comerciais e industriais.

Outra característica a ser destacado que estes atos se concentravam na região central da cidade como a Rua Santos Dumont, Rua Coronel Biten-court, Rua Sant’Ana, Avenida Vicente Machado, Rua do Rosário, Rua Francisco Ribas, que detinham grande circulação de pessoas, comércio desenvolvido e instalações de órgãos públicos.

Diretoria de Higiene Municipal de Ponta Grossa

Serviço de fiscalização de carnes e gêneros alimentícios.

Viuva Joanna Schennekenberg

1 porco condenado por

1 víscera, idem, idem

3 figados idem sirroses

Bruno Tamenhain

1 porco condenado por cysticercus

1 víscera idem diem

3 figados idem sirroses

Reinoldo shnekenberg

1 porco condenado por cysticercus

1 víscera idem

5 figados condenados por sirroses
João Stremel
2 figados condenados por sirroses
Alberto Dechandt
1 figado condenado por sirroses
Conrado Justus
[...]

É proibido criar porcos dentro dos núcleos de população, bem como criar a conservar qualquer animais, que por sua espécie ou qualidade, possam constituir causa de insalubridade ou incomodo, sendo a infração deste dispositivo punida com multa de 20\$000 (vinte mil réis) a 100\$ (cem mil réis).

Jornal Diário dos Campos, 05 de fevereiro de 1935.

O controle da diretoria de higiene pode ser percebido na notícia anterior que ocorria de maneira severa. A ação não ocorria somente como punição sobre a fiscalização de carnes e gêneros alimentícios, mas funcionava como demonstrativo das ações deste órgão na cidade. Era comum a inspeção dos animais antes do abatimento para o processo de fabricação da banha.

Na segunda parte do ato da diretoria, é percebido uma determinação à Conrado Justus que criava porcos próximo ao quadro urbano, onde o mau cheiro e os animais abrigados de maneira irregular afetariam a saúde da população. A data do decreto era numa época de verão na cidade, e gerava incomodo aos moradores e transeuntes da localidade.

A apresentação dos atos da diretoria de higiene nas páginas do jornal ocorria com intuito de assegurar a normatização do espaço urbano quanto a ação dos criadores de porcos e fabricantes de banha, através da inspeção no abate e a vigilância sanitária das fabricas.

Principalmente no centro da cidade este enquadramento era constante, com objetivo de manter a ordem em beneficio do progresso local, apresentando a população e aos visitantes uma cidade ordeira e moderna dentro dos aspectos exigidos de cidade civilizada.

A banha também é caso de polícia.

A repercussão que a banha teve nas páginas do Diário dos Campos durante a década de 1930, como economia, questão sanitária e a relevância social estiveram presentes neste período. Este produto também ganhou destaque na seção “Casos de Polícia” com algumas notícias sérias de caráter informativo, outras banais que apenas tiveram atenção no ato da publicação, até mesmo notícias a nível nacional, que

informava os fabricantes locais sobre os acontecimentos fora do Estado.

As queixas apresentadas na delegacia seriam desde o problema de divisão de cerca entre vizinhos para a criação de suínos, sobre o furto de banha nas fábricas, a matança de porcos, incêndio nas instalações. Nestes casos os envolvidos eram desde pequenos criadores para o consumo próprio até proprietários das fábricas de banha.

Roubaram duas latas de banha: do depósito da firma Justus & Cia.

Hontem à tarde, o individuo João de Tal. Conhecido pela alcunha de “João Garganta”, marceneiro, sentou-se embriagado, à entrada do portão contiguo ao predio em que são estabelecidos os srs. Justus & Cia.

Os empregados da firma, attentos a faina, não se preocuparam com o ebrio.

“João Garganta”, aproveitando-se de um momento em que nenhum dos empregados o poderia ver, penetrou, sorraterio, no deposito sito no fundo do quintal, e de lá surruiou uma lata de banha.

Levou-a para determinado lugar e voltou, logo depois, a fim de continuar o seu “trabalho”. Usou do mesmo estratagemma. Sentou-se na petada do quintal e fingiu-se completamente dominado pela embriaguez.

Em ocasião asado, penetrou novamente no deposito e de lá sahiu com outra lata de banha.

Foi suprhendido em flagrante, desta vez, e seguro por um dos empregados.

Avisada a policia, compareceu incontinente ao local, tendo apreendido a mercadoria roubada, que foi devolvida aos donos, e recolhido o ébrio, larapio ao xadrez.

Jornal Diário dos Campos, 01 de julho de 1932

O fato apresentado na notícia acima hoje pode nos parecer de pouca relevância, mas foi frequente este tipo de situação, onde os fabricantes prestavam queixa com relação ao furto da banha na cidade. O jornal detalhava o acontecimento para clarificar os fatos aos leitores, com intuito em avisar os fabricantes sobre a eminência de roubos do gênero.

Fazia se passar por fabricante de banha

RIO, 24 (D) – O Sr. Hermes Cassio há tempos appareceu na praça do Rio como grande negociante de banha do Rio Grande do Sul. Com esse titulo e labias bastante finas, Hermes Cassio conseguiu arranjar muito dinheiro com vários corretores, emitindo a favor dos mesmos cambiaes contra diversos bancos de Nova York.

Os corretores, ao invés de se dirigirem ao Banco do Brasil para submete-las a fiscalização bancaria, procuraram realizar esta transacção directamente com casas americanas. O resultado que tiveram os decepcionou.

Foram os corretores informados de que Hermes não possuía fundos do Banco do Brasil.

Apresentada a denuncia à policia, foi instaurado inquérito na 3ª Delegacia Auxiliar.

Jornal Diário dos Campos, 05 de abril de 1934.

Nesta notícia prestava esclarecimentos aos comerciantes de Ponta Grossa, sobre uma ocorrência de um falso vendedor de banha no Rio de Janeiro, alertando sobre como que este conseguiu extorquir dinheiro dos corretores locais, devido a sua rápida ação que não levantou suspeitas, restando somente a chance da parte lesada em prestar queixa na delegacia.

O intuito do jornal na seção “Casos de Polícia”, seria o espaço onde a população apresentava suas queixas. No caso da banha seria a denúncia por parte de fabricantes ou criadores de suínos, que sofriam contravenções em suas propriedades e criações. Não que este fato seja menos importante do que as demais notícias sobre a banha trabalhadas neste capítulo, mas convém ressaltar que esteve presente nas páginas do Diário dos Campos. O objetivo era demonstrar a ação da polícia contra os transgressores da lei e a forma de agir destes. Pode-se perceber que a banha não esteve ilesa de ser um tema relevante, pois era um produto importante na época.

A função social do jornal: ações em prol do comércio legal da banha.

Nas décadas iniciais do século XX, foi influente a presença dos imigrantes e seus descendentes, principalmente os europeus, que atuavam em vários segmentos da sociedade ponta-grossense, proporcionando ascensão e destaque na esfera política, econômica e cultural neste período.

[...] Dessa forma, os imigrantes e seus descendentes contribuíram efetivamente para o aumento numérico e para a inversão da taxa de urbanização em Ponta grossa. Além disso, foram fundamentais para o processo de dinamização da vida social, cultural e política. (DITZEL, 2007, P.61).

Não muito longe disto, estavam os fabricantes de banha. Através da análise das páginas do Diário dos Campos, percebe-se que os fabricantes estavam envolvidos em vários segmentos da sociedade dentro do âmbito econômico e político. Estes, opinavam sobre o comércio da banha, ora participando de associações, sindicatos ou em partidos políticos. Podemos observar então, a atuação destes na dinâmica da sociedade da época.

O jornal costumava publicar notícias referente à urbanização, a industrialização, a higiene sanitária, assumindo o papel de porta voz do progresso e da

modernidade pricesina. Muitas de suas notícias se dirigiam a determinados setores da sociedade, estando explícito o posicionamento deste veículo de comunicação. Mas como o jornal publicava as notícias sobre os fabricantes de banha? Para esta compreensão é necessário um rápido perfil do jornal na cidade.

O jornal apresentava-se como um dos principais formadores de opinião na cidade e suas abordagens discursivas se caracterizavam por um posicionamento amistoso em relação ao conjunto social. Entretanto, mostrava-se também pronto a enfrentar grupos ou movimentos que destoassem de suas ideias. (CHAVES, 2001, p.39)

Importância esta que o Diário dos Campos detinha nesta época, ocorre pelo fato de que o mesmo, era um dos principais meios de informação transmissão de valores, sendo um espaço de discussão sobre os problemas e rumos da sociedade (BUCHOLDZ, 2007, p.23)

Juca Hoffmann durante a década de 1930 foi o diretor chefe do referido jornal, tinha a preocupação de relacionar o contexto local com a realidade nacional, engajado nas questões sociais e políticas, mas que nas entrelinhas das notícias deixava transparecer seus valores e opiniões (BUCHOLDZ, 2007, p.81).

Muitas vezes foi comum o jornal ter publicado notícias envolvendo os industriais da banha, onde se dirigia a notícia para uma pessoa ou a um grupo de fabricantes. Outros momentos o jornal objetivava a mera participação para prestar esclarecimentos ou fazer uma denúncia, alguns casos opinando sobre algum fato de relevância para a classe.

As notícias publicadas no jornal sobre os fabricantes da banha, não eram neutras, detinham uma carga de intencionalidade e ocorriam por meio de campanhas, como reuniões no próprio escritório do jornal, visita as fábricas de banha. Descreviam em suas páginas o perfil destes industriais e sua atuação na sociedade, apresentando as singularidades deste comércio na cidade.

Artífices da moralidade.

As ações do jornal durante a década de 1930 ao comércio da banha, formam além da questão higiênico-sanitária, do ordenamento urbano e das páginas policiais, assim como, os interesses dos industriais da banha foram tratados com relevância,

para isto o jornal se utilizou de artifícios para que as ações tivessem o efeito esperado.

Artifícios como a busca de fontes ou materiais para dar credibilidade à notícia, realização de campanhas, assumindo o caráter de uma investigação jornalística, visitando o local dos fatos na tentativa de melhor compreendê-los, foram providências tomadas a fim de publicar suas notícias (BUCHOLDZ, 2007, p.82).

O excesso de tributação dificultando a Indústria da Banha.

Proseguindo na campanha em defesa de uma das grandes indústrias de Ponta Grossa, fomos ontem ouvir aos srs. Miró e Pinheiro, conceituados proprietários de uma das maiores fábricas de banha locais. Atendeu-nos cavalheirescamente o Sr. Eloy Miró, digno sócio daquela firma.

— Que nos pode dizer sobre a campanha que vimos fazendo contra o excesso de impostos que oneram as fábricas de banha?

Achamo-la necessária, pois, com já tem dito o DIÁRIO DOS CAMPOS, as fábricas de banha estão na eminência de fecharem se o governo favorecer-nos com a redução de impostos.

Jornal Diário dos Campos, 12 de fevereiro de 1932.

A notícia acima refere-se à campanha contra o aumento de imposto sobre a exportação da banha e sobre o suíno abatido, ao mesmo tempo, com a concorrência da entrada da banha clandestina na cidade.

As notícias eram grandes, ocupavam um espaço considerável nas páginas do jornal, assim como campanhas que foram muito frequentes durante este período. Geralmente duravam vários dias ou até meses, como neste caso em que aconteceu no início de fevereiro de 1932 e durou até meados de março do mesmo ano.

Outro fato relevante desta mesma notícia que o jornal convidava os fabricantes para uma reunião, na própria sede do jornal, com intuito de discutir as questões referentes ao imposto da banha.

— Qual será a atitude dos fabricantes em questão, caso DIÁRIO DOS CAMPOS, promova uma reunião para se discutir os interesses dos srs, para banha?

— Creio que todos aderem à ideia. Não podemos ficar a espera da resolução do Conselho Consultivo. Precisamos tomar uma resolução séria.

Assim conclui o amável industrial a entrevista que nos concedera.

DIÁRIO DOS CAMPOS

Convida aos srs. Industriais da banha, para reunirem-se amanhã, sábado, às 21 horas, na redação desta folha para discutirem sobre os interesses que são peculiares aos mesmos fabricantes.

Jornal Diário dos Campos, 12 de fevereiro de 1932.

Reunião que de fato aconteceu, com atuação

conjunta entre os fabricantes e o jornal, na tentativa de garantir os seus direitos, pois até o presente momento os fabricantes não tinham uma representatividade política que garantissem os seus interesses. Daí vem a necessidade do fabricante ter o seu espaço nas páginas do jornal para ganhar representatividade na sociedade da época.

Em busca de uma solução sobre a questão do imposto, criou-se uma comissão pelos próprios fabricantes com intuito de garantir a redução sobre o imposto da banha, ou até mesmo sobre o suíno abatido.

Reunião dos industriais de banha.

[...] Dessa conferência, na qual foram trocadas diversas sugestões, ficou resolvido cometer-se poderes aos srs. Christiano Justus Junior, Osmario Ribas e Eloy Miró, conceituados industriais, para em comissão, dirigirem-se ao sr. Interventor federal, afim de pleitearem aquelle desiderato.

Essa deputação deverá seguir amanhã para Curitiba, sendo de se esperar que seja bem sucedida.

Jornal Diário dos Campos, 14 de fevereiro de 1932.

Além da campanha o jornal se empenhou paralelamente em uma investigação jornalística, na procura dos principais responsáveis pelo tráfico e comercialização da banha clandestina na cidade, em alguns casos encontrando os culpados e os denunciando em suas páginas.

Medidas severas estão sendo postas em pratica. Para coibir o commercio de banha insalubre.

Empenhada como se acha na repressão do commercio clandestino ou não clandestino, da banha impura, impregnada de materias nocivas, fabricada aqui no interior, pelos processos mais rusticos, com aproveitamento mesmo de porcos doentes, atacados de cysticercos, a nossa reportagem descobriu três fabricas clandestinas desse producto. [...] Essas fabricas clandestinas pertencem aos srs. João Sacks, estabelecido à rua 7 de setembro nº156, nesta cidade; Antonio Isiantek, estabelecido à rua Gal Carneiro, também nesta cidade; e Ricci, estabelecido em Seradinho, neste município.

Hontem mesmo, a nossa reportagem fez denuncia do caso à Prefeitura Municipal, que determinou fossem os infractores notificados que ser-lhes-ão applicados os rigores da lei.

[...] Intimidados, compareceram hontem a Prefeitura, os srs. Christovam Cominos e Theodoro Kumurski, dos quaes foi dada a denuncia de que haviam recebido grande quantidade de banha do interior do Estado.

Essa banha será analysada e deverá satisfazer a taxaçao dos impostos municipaes.

Jornal Diário dos Campos, 11 de março de 1932.

Para que a investigação tivesse sucesso, como na notícia acima, o jornal fazia a apuração dos fatos, com a ajuda de informantes que seriam desde

os industriais da banha local e os comerciantes, que conseguiam a coleta da banha clandestina e apresentavam na redação do jornal. Este o entregava para o serviço de vigilância sanitária local, com intuito de saber se o produto era impuro ou não, investigavam sobre quem seriam os prováveis fabricantes e revendedores deste produto, publicando os nomes dos responsáveis pela infração denunciando aos órgãos competentes.

Campanhas como esta, foram frequentes durante a década de 1930, apresentando o Diário dos Campos como um veículo de comunicação de iniciativa e liderança, defendendo os assuntos vitais aos fabricantes locais, principalmente aqueles que pagavam os impostos e o produto passavam pela inspeção sanitária, publicando muitas vezes em suas páginas o reconhecimento por parte da população frente as suas ações.

Cesse o commercio clandestino e criminoso da banha fabricada sem fiscalização!

Recebemos:

Ponta Grossa, 15 de março de 1932.

Illmo. Sr. José Hoffmann.

Digno Director do DIARIO DOS CAMPOS.

Cidade.

Em primeiro lugar, os meus applausos, o meu parabem effusivo pelas meritórias e dignificantes campanhas que, de modo intemerato, DIARIO DOS CAMPOS vem mantendo em beneficio da população e da cidade...

Jornal Diário dos Campos, 16 de março de 1932.

Se no inicio dos anos 30, os fabricantes contavam somente com o apoio do jornal em reivindicação aos seus direitos em meados desta mesma década, foi comum o jornal publicar as ações entre os fabricantes e o Centro Comércio e Industria (C.C.I.). Vários assuntos, principalmente sobre o imposto relativo à exportação do produto, pois o quadro de sócio desta entidade era composto por fabricantes de banha.

Victorioso o ponto de vista dos industriaes pontagrossenses.

Não será majorado o imposto de exportação banha. Regressou hontem de Curytiba, pelo trem mixto, a comissão designada pelo Centro de Commercio e Industria para se entender com o governo de Estado no sentido de ser encontrada uma formula satisfactoria para a questão sucitada em vistude de haver sido deliberada a majoração, com grande prejuízo para os industriaes, do imposto sobre a exportação de banha. Essa comissão foi composta pelos srs. Elias Zacharias dos Santos, presidente do Centro de Commercio e Industria. Leopoldo Roedel e Henrique Malanoski, adiantados industriaes pontagrossenses.

[...] Dessa forma, o Centro de Commercio e Industria lavra mais um tento, prestando inestimavel serviço

à industria local. A tradicional e benemérita associação de classe, assim, faz jus à gratidão de todos os commerciantes e industriaes da cidade, sendo de inteira justiça que os que ainda não pertençam ao seu quadro social procurem ingressar no mesmo, uma vez que são beneficiados pelos assignalados serviços que vem sendo prestados pela conceituada entidade.

Merecedor de applausos é tambem, o Sr. Albary Guimarães, illustre prefeito municipal, que se prontificou a, telephonicamente, advogar com vivo interesse os direitos que estavam sendo patrocinados pelo Centro de Commercio e Industria.

Jornal Diário dos Campos, 09 de agosto de 1935.

Na notícia acima houve a elaboração de uma comissão entre o presidente do C. C. I. e os fabricantes locais, que se dirigiram até Curitiba, posicionando-se contra o aumento do imposto da banha por caixa. Na ocasião conseguiram a manutenção do valor.

Percebe-se um clima amistoso entre o jornal, o C. C. I. e o prefeito, elogiando a atitude e eficiência por parte dos mesmos, que conseguiram a manutenção do preço do imposto sobre banha.

Segundo o jornal o C. C. I. é descrito como um órgão de utilidade pública, em prol dos fabricantes de banha e demais comerciantes da cidade. Como representante e prestadora de serviços aos seus filiados, entendendo o intuito do Diário dos Campos em atrair mais sócios para a entidade.

A banha esteve presente como tema nos círculos políticos da época, principalmente sobre o imposto do produto, sendo comum o diálogo entre o jornal e políticos locais em meados da década de 1930.

A momentosa questão do imposto sobre a banha

Um de nossos redactores teve o feliz ensejo de ouvir hontem o cel. José Miró de Freitas, influente chefe político local e presidente do Directorio do P. S. D., sobre a momentosa questão do imposto sobre a baha.

O cel. Miró de Freitas, de inicio, declarou não acreditar que o dr. Othon Mader se esteja oppondo à abolição do gravame ultimamente lançado sobre este producto. Continuando, o prestigioso político situacionista disse-nos elle que o sr. Albary Guimarães e outros componentes do directorio tiveram o ensejo de poderar ao sr. Manoel Ribas, dias atraz, quando o sr. governador esteve em nossa cidade a inexequibilidade do novo imposto.

O preclaro governador, depois de se inteirar devidamente dos inconvenientemente apontados, fez ao cel. Miró de Freitas uma promessa alviçaceira, que transmitimos aos industriaes interessados com o maior prazer a prometeu o sr. Manoel Ribas resolver de maneira plenamente satisfactoria a questão tão logo retorne a capital.

Deante essa preciosa informação do digno presidente do Directorio do P. S. D., nada mais nos cabe fazer, como jornal que está procurando defender

interesses vitais de Ponta Grossa, do que aguardar providências prometidas pelo eminente governador paranaense.

Por esse motivo, sustamos temporariamente a campanha que vínhamos mantendo contra o absurdo gravame.

Devemos deixar aqui frisado que a responsabilidade dos conceitos emitidos com respeito a atitude do dr. Othon Mader manifestada para com Ponta Grossa é toda nossa.

Não somos jornal partidário e as nossas palavras não devem ser tomadas como encomendadas por que quer que seja ou como sendo induzidas por quem quer que seja.

E dizendo que a responsabilidade dos conceitos emitidos com relação ao secretário da fazenda é inteiramente nossa, queremos deixar patente que não procuramos reconsiderar o que afirmamos. O dr. Othon Mader só provará que não alimenta ogerisa contra Ponta Grossa se não continuar criando óbices à abolição do absurdo aumento do imposto sobre a banha.

Jornal Diário dos Campos, 23 de janeiro de 1936.

Na notícia acima percebe-se que há um contratempo entre os fabricantes locais de banha com o secretário estadual de fazenda Othon Mader, com relação ao imposto sobre a banha, qual o último se opõe a baixa do preço do produto.

O Cel. José Miró de Freitas, nas páginas do jornal é percebido como representante da base situacionista do governo municipal do Prefeito Albary Guimarães, qual este tem uma boa relação com o diretor do jornal da Manhã.

A discussão sobre o imposto da banha, neste caso ocorreu dentro de uma esfera política, tendo sua importância a nível estadual, envolvendo neste embate o prefeito Albary Guimarães, o secretário estadual da fazenda Dr. Othon Mader e o governador do Paraná Manoel Ribas, este que prometeu ao político local uma medida para a resolução do problema em destaque.

Mas o ponto central desta notícia é o secretário da fazenda, qual segundo o jornal não tomou medida alguma com relação ao imposto da banha, não intervindo no caso, pois relacionando com outras notícias posteriores, o Estado concedia o direito à firma Matarazzo sobre o imposto da banha que pagava a metade do valor cobrado para os fabricantes de Ponta Grossa.

Artifício este que fez o jornal realizar uma campanha para a baixa do imposto atribuindo juízo de valor sobre a pessoa do secretário, na tentativa de que o mesmo realizasse um ato de respeito por Ponta Grossa, como uma maneira de provar que não alimenta nenhuma repulsa pela cidade. Se tratando que o mesmo foi prefeito da cidade no início da década

de 1930, mas não obteve respaldo e alianças políticas, resultando em sua renúncia ao cargo.

Os fabricantes da banha: representantes de uma indústria benemérita para o progresso local.

A fabricação e a comercialização da banha teve representatividade para a economia local durante a década de 1930, de acordo com as notícias publicadas no Diário dos Campos, este comércio era visto como sinônimo de progresso para a cidade, vista pelo lado econômico, assim como sobre a questão sanitária representava em partes a modernidade local.

Para que este discurso tivesse a sua efetivação, o jornal se pronunciava como representante dos agentes deste processo, ou seja os fabricantes de banha. Descrevia mesmo de que maneira breve, o atuação dentro dos círculos sociais, a representatividade no âmbito econômico e as atividades que exerciam.

Publicações do Diário dos Campos, a respeito dos fabricantes da banha, foram muito comuns em meados dos anos 30, principalmente em datas comemorativas, como o dia 27 de abril, onde se comemorava a data de fundação do Jornal Diário dos Campos e na edição de natal.

Este tipo de ação ocorria de maneira paralela com o intuito de aliar o progresso alcançado pela cidade através da economia, assim como no âmbito cultural e cívico com o estabelecimento do jornal na cidade como pode ser visto no fragmento da notícia abaixo.

Um elemento dinamizador em nossos meios industriais.

O “DIÁRIO DOS CAMPOS” – marco de civilização plantado há 28 anos por um homem de boa vontade no roteiro do progresso – comemorando, hoje, mais um ano que passa empos de seu advento, sente-se feliz em festejar o seu aniversário, rendendo homenagens a todos que, por Ponta Grossa, manifestam a mesma boa vontade de seu fundador, que aqui erige a Imprensa e a Arte, como expressões de cultura, de civismo e de progresso, para o triunfo esplêndido de uma civilização.

Jornal Diário dos Campos, 27 de abril de 1935. Edição especial.

Neste caso acima, a notícia acima na íntegra referia-se a pessoa de Christiano Justus, comerciante e fabricante de banha local, o jornal o destacava como dinamizador da economia princesina. Mas percebe-se que ao mesmo tempo, neste fragmento o jornal

aproveitou para se denominar como representante do progresso local, até porque está era a edição de comemoração da data de fundação do Diário dos Campos.

Industriaes beneméritos de Ponta Grossa: atividades que representam fator preponderante para o nosso progresso.

[...] A indústria da banha tem sido o maior fator do progresso da Princeza dos Campos. Os que iniciaram, a ella se dedicaram posteriormente ou trabalharam para mantê-la e engrandece-la, são merecedores do titulo de beneméritos da cidade. A industria da banha, à sua importancia, ao que ella representa para Ponta Grossa, só se pode comparar a da madeira, cuja exportação para os grandes centros também é notória [...].

Jornal Diário dos Campos, 27 de abril de 1937.

Na notícia acima apresenta a importância que esta atividade teve para a época, elogiando a iniciativa dos primeiros fabricantes que deram inicio a este ramo, assim como parabenizando aqueles que mantiveram esta indústria com destaque no cenário econômico local, comprando em grandeza com as madeiras.

A apresentação dos fabricantes no jornal, não ocorria de maneira aleatória, ao realizar o cruzamento de informações das notícias publicadas pelo Diário dos Campos e o Livro de Impostos do município, pôde se perceber que este veículo de comunicação descrevia sobre aqueles industriais que pagavam seus impostos sobre a banha e colocavam a sua produção a disposição da inspeção sanitária, assim como participavam de agremiações como o Centro Comercio e Industria, ou seja, seriam aqueles industriais que se inseriam nos ideais de progresso e modernidade anunciados pelo jornal.

Açougue e fabrica de banha “Annita”

Uma industria que, sem devida honra, a nossa cidade, é a de fabricação de produtos de origem animal. Dentre os inúmeros açougues que possuímos, destaca-se o do sr. Bruno Tammanhain, situado a rua General Carneiro. Nº89, que é também o fabricante da excellente banha “Annita”, preferida pelos consumidores pela sua pureza e incomparavel qualidade.

Numa recente visita que tivemos o prazer de levar a effeito no modelar esabelecimento do sr. Tammanhain, foi com grande satisfação que constatamos a ordem dos trabalhos ali realizados bem como o meticoloso asseio que é rigorosamente observado na manipulação dos produtos de origem animal.

A honestidade, o critério e a Vontade de bem servir ao publico, justificam plenamente o progresso da casa do sr. Bruno Tammanhain a quem rendemos as sinceras homenagens.

Jornal Diário dos Campos, 15 de dezembro de 1935. Edição de natal.

Muitas vezes o jornal visitava os estabelecimentos, para em suas páginas descrever os aspectos do estabelecimento, como o exposto na notícia acima do açougue e fábrica de banha Annita.

Destacando a qualidade no preparo do produto, principalmente com a questão da higiene, o bom atendimento ao público realizado pelo estabelecimento, critérios qual próprio jornal qualificava para enquadrar ou não um estabelecimento dos critérios do progresso e modernidade.

O fabricante de maior destaque foi o cel. Christiano Justus Jr, tendo participação ativa nas páginas do jornal, desde a concessão de entrevistas, participação de campanhas, representando os fabricantes da classe, sendo comuns notícias sobre a sua pessoa, e anúncios referentes às atividades que exercia.



Jornal Diário dos Campos, 27 de abril de 1935

Na propaganda acima pode ser visto que além do ramo da banha, suas atividades comerciais se estendiam, a dono de casas de secos emolhados, drogaria, assim como relacionado com as notícias do jornal, suas atividades estavam ligadas a pecuária com a criação de gados, gerência de serrarias a participação no Centro Commercio e Industria (atual ACIPG), que no final da década de 1930 ostentava o título de Coronel.

[...]O acatado industrial sr. Cristiano Justus junior, é o proprietário da fabrica de banha Odile, no gênero, um estabelecimento que se recomenda a si própria e que recomenda a cidade. O seu produto é grandemente reputado em São Paulo, Rio etc. [...] O honrado e conceituado industrial, entanto, não limita essa grande casa fabril a sua atividade. Estende-se mais longe, pois é proprietario, tambem, de serrarias, de fazendas de criação, etc. sendo isso, justamente, que o faz um dos maiores propulsores do progresso cidadão.

Jornal Diário dos Campos, 27 de abril de 1937.

A família Justus atuava como referencia na fabricação da banha, que além do Christiano Justus Jr tinham fábricas em propriedade de João G. Justus e Justus Malanowski e Cia, de maneira paralela durante a década de 1930.

Justus, Malanoski e Cia. Outra firma valorosa da cidade e que emprega a sua actividade na industria em lide é a firma Justus, Malanoski e cia. Comquanto mais nova que aquellas outras, tem dado considerável expansão à industrialização da gordura e a preparação da carne de porco.

Jornal Diário dos Campos, 27 de abril de 1937.

Outra família que teve seu destaque na década de 1930 foi a família Higenberg, com David Hilgenberg proprietário da fabrica de banha Esperança pessoa da família que obteve maior respaldo, a outra fabrica instalada através da sociedade entre Miguel Hilgenberg, João David Hilgenber, Miguel Frederico Hilgenberg e David Hilgenberg Sobrinho com a fabrica de banha Santa Maria.

J. David Hilgenberg e Cia. [...] os seus produtos banha e carne de porco, que são das demais fabricas, são exportadas em larga escala para os Estados do norte.

Hilgenberg e Cia. O sr. Miguel Hilgenberg um dos mais destacados industriaes da cidade, é ainda, sócio da firma Caldeira e Hilgenberg da qual faz parte, mais o sr. Turibio Caldeira, é a qual proprietaria da Serraria Bom Sucesso, Tambem ultimando as suas instalações. É tambem o sr. Miguel Hilgenberg importante exportador de herva-mate, mantendo grande deposito de compra na rua D. Pedro II.

Jornal Diário dos Campos, 27 de abril de 1937.

Ao ver a descrição sobre os fabricantes na notícia anterior, pode ser percebido que este ramo era desenvolvido dentro de uma mesma família por vários parentes, sendo comum a organização de sociedade entre estes, como no caso da própria família Schnekenberg, onde a viúva Joana Shnekenberg e seus filhos eram proprietários de um açougue e fábrica de banha⁷.

Embora não seja percebido claramente nas fontes analisadas, os mesmos não detinham do monopólio sobre a produção, pois a atividade se estendia a várias outras famílias, o número de fabricas instaladas na cidade era consideravelmente relativo para época, proporcionando a concorrência.

A sindicalização dos fabricantes da banha: uma estratégia de sobrevivência

No final da década de 1930, foi frequente a preocupação dos fabricantes da banha em vender o seu produto no mercado, que segundo as páginas do Diário dos Campos, ocorria por causa da alta dos impostos dos alimentos.

A discussão da alta do imposto sobre a banha nas publicações do jornal foi de grande relevância para os industriais, tanto quanto a questão sanitária e a entrada de produto clandestino na cidade. Devido a concorrência com a banha fabricada no Rio Grande do Sul onde os fabricantes deste Estado pagavam o imposto reduzido, paralelo a isto a firma Matarazzo, instalada em Jaguariaíva (PR) detinha de benefícios concedidos pelo governo estadual.

Motivos estes que instigaram os industriais locais a se reunirem, para a discussão da organização de um sindicato dos fabricantes de banha em Ponta Grossa, com intuito de ampliar o espaço no mercado banha, desde a compra de suínos até a tentativa na redução de impostos e preços competitivos.

A necessidade da organização de um sindicato, ocorre em um momento, que em âmbito nacional o Governo Vargas apoiava este tipo de associação, com intuito de atrelar os sindicatos às ações do governo, limitando a participação dos partidos de oposição.

7 Jornal Diário dos Campos, 27 de abril de 1937, Livro de Impostos da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa referente a década de 1930.

Contudo, a “nova democracia” não dispensava formas de representação que deveriam ter bases diversas e adequadas às funções dos governos modernos e voltados para o interesse nacional. Estas eram, acima de tudo, funções de especialização técnica, donde a importância da criação de órgãos representativos da vida econômica do país, que podiam, como interlocutores válidos, exprimir a vontade geral popular. (SCHWARCZ (org); GOMES, 1998, p.515-520) (SCHWARCZ (org); GOMES, 1998, p.517)”

Na ocorrência deste tipo de fenômeno, os fabricantes da banha se viam na importância de unirem esforços na criação de um sindicato, que representasse a classe.

A Sindicalização dos Fabricantes de Banha.

A parte principal do nosso commentatio é um apelo que fazemos aos fabricantes de banha de Ponta Grossa, para que se unam, na syndicalização que é a palavra de ordem de todas as classes da sociedade moderna.

[...] por exemplo: uma ocorrência de que nascem interrogações frequentes: por que é que não vendemos banha para o exterior?

A resposta está nisto: o Instituto de Banha do Rio Grande do Sul é uma instituição poderosíssima, que controla completamente o mercado brasileiro desse artigo, sem deixar nenhuma margem a mais nenhuma iniciativa no resto do país.

Jornal Diário dos Campos, 24 de janeiro de 1939.

Percebe-se na notícia anterior, que a sindicalização, ou a organização de classe na opinião do redator da mesma, era uma ação a nível nacional, era comum ter organizações que representasse determinados grupos da sociedade, um exemplo a ser dado na década de 1930 seria o sindicato dos operários, a criação de grêmios fosse no âmbito cultural ou social, como espelho de demonstração das ações de um determinado grupo.

A Sindicalização dos Fabricantes de Banha.

[...] O que se procura, hoje em dia, não é a predominância deste ou daquele Estado, desta ou daquela região, mas sim, o Brasil que é hoje a expressão máxima dos nossos interesses.

O caso da banha é típico de uma era de desorganização, em que vivíamos, mercê de uma falta de disciplina colectiva, desse espírito de cooperação, que já está nascendo para o Brasil.

Jornal Diário dos Campos, 07 de fevereiro de 1939.

A sindicalização dos fabricantes da banha não ocorreu somente com intuito de expandir o mercado a nível internacional e concorrer de forma direta com o Rio Grande do Sul, como apontado no jornal. Comparando em conjunto com outras notícias, percebe-se a sindicalização, principalmente como meio de sobrevivência em um mercado competitivo na época, se tratando dos fabricantes do Rio Grande

do Sul que detinham a grande parte do comércio, assim como os benefícios que o Matarazzo desfrutava, que ocorria desde a compra de suínos, como a manutenção dos impostos e a garantia de um bom preço para a venda do produto.

Vultuosa Compra Efetuada Pelos Fabricantes de Banha Associados de Ponta Grossa.

Como sabem os leitores, já há algum tempo que os fabricantes de banha de Ponta Grossa se organizaram, em uma corporação única, maneira que acharam de melhor defender os seus interesses.

Essa organização, dentro do seu papel, realiza, então, os negócios todos em conjunto, responsabilizando-se todos os fabricantes pelas perdas ou tomando parte nos lucros que se verificarem.

Agora os fabricantes de banha da nossa cidade efetuaram, segundo soube nossa reportagem, uma vultuosa compra de suínos, para que não paralise suas atividades industriais.

Assim é que a corporação adquiriu no interior do Estado, mais de 10 mil porcos, que serão parceladamente transferidos para nossa cidade [...]

Jornal Diário dos Campos, 30 de junho de 1939.

A notícia acima foi de fato, a única fonte de informação que nos leva a compreensão de que os fabricantes de banha realizaram uma associação em defesa dos seus interesses. Como foi apontado anteriormente, que a criação desta foi um meio de sobrevivência no mercado da época. Buscando minimizar algum prejuízo, assim como a tentativa de garantia de lucro.

Ao analisar o conjunto das notícias sobre o imposto da banha, pôde ser visto ao mesmo tempo uma contradição neste tipo de argumento, na ênfase que a alta do imposto que poderia acarretar na eminência das fabricas encerrarem suas atividades no ponto de vista dos fabricantes. Mas que este ramo era apresentado como uma fonte rentável para a economia local, sendo o sustentáculo do comércio e indústria, sinônimo de progresso e modernidade segundo o jornal.

A breve passagem da indústria matarazzo pela cidade.

Quando se é falado sobre a banha é comum pensar sobre o Conde italiano Francisco Matarazzo, que segundo histórias, fez a sua fortuna a partir da fabricação da banha.

A instalação de uma fábrica de banha do Matarazzo, também aconteceu em Ponta Grossa, em meados da década de 1910 segundo o livro de im-

postos da época declarou sua atividade no ramo de preparação de carnes de 1915 até 1920, mais tarde segundo estes mesmos registros declararam o funcionamento de uma fábrica de banha no período de 1922 até 1925, uma passagem breve que rendeu temas de notícias no Diário dos Campos, mesmo quase uma década após.

De quem é o predio que se destinava à instalação de uma fábrica de banha que foi construído no Pelado?

Ha muitos annos, as Industrias Reunidas F. Matarazzo mandaram construir na Colonia Pelado, um predio no qual pretendiam instalar, sua fabrica de banha. Desentendimentos com o então Prefeito municipal, cel. Brasílio Ribas, attinentes à insenção de determinado imposto, fizeram com que aquella poderosa firma trasladasse para Jaguarihyva essa sua industria?

O predio construído naquella colônia ficou, desde então, fechado. Circumda-o uma área de terras de dois alqueires, aproximadamente.

A quem pertence essas terras? A'quella firma ou ao município de Ponta Grossa? Não teria este, por ventura, as cedido para a instalação as fabrica de banha? Neste caso, tendo esta sido transferida para Jaguarihyva, não deve essa gleba de terra reverter para a Municipalidade? [...]

Jornal Diário dos Campos, 17 de maio de 1933

A notícia acima destaca a pretensão da instalação de uma fábrica de banha do Matarazzo na cidade, que de fato aconteceu na Colônia Dona Luiza. Ao mesmo tempo a notícia destaca o desentendimento entre os representantes da firma e o prefeito municipal da época, relacionado com a isenção de um determinado imposto, sendo um dos motivos da transferência da fábrica para Jaguarihyva.

Se esta notícia for relacionada com outras do Diário dos Campos, nas entrelinhas pode ser percebido o motivo do desentendimento entre ambas as partes, pois o governo municipal não queria ceder o desconto sobre o abatimento de suínos e a fabricação da banha, principalmente pelo fato deste tipo de desconto não ser cedido aos fabricantes locais, o que poderia ocasionar um desentendimento maior entre os representantes da Matarazzo, a prefeitura e os industriais locais.

A falta de entendimento entre as partes proporcionou a mudança desta firma para Jaguarihyva (PR), onde lá instalações próprias, conseguindo o devido desconto a nível municipal e estadual, tanto sobre a matança dos suínos, assim como sobre a fabricação da banha, contribuindo para que esta pudesse comprar um número maior de suínos e fabricar a banha em larga escala, conseguindo em partes um controle maior sobre esta atividade.

A questionamento apresentado na notícia, seria de quem deveria pertencer o terreno e o galpão que estava instalada a fábrica, seria das Industrias Matarazzo ou da prefeitura, exigindo que esta tomasse uma medida perante o caso, que se desenrolou por mais alguns anos.

Lei Nº 33 de 27 de julho de 1937

A Camara Municipal de Ponta Grossa decretou e sancionou a seguinte lei:

Artigo 1º - Fica desapropriada, por utilidade publica, uma área de terreno com 15.348 metros quadrados, pertencente a S. A. Industrias Reunidas F. Matarazzo, situada na Colonia Dona Luiza (Pelado), entre os quilômetros 5 e 6 da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, bem como um galpão de alvenaria e dependencias de madeira alli existentes de propriedade da mesma firma.

Jornal Diário dos Campos, 01 de agosto de 1937

A prefeitura desapropriou as terras concedidas a industria, assim como as instalações ali destinadas para a fábrica, com o intuito de indenizar o proprietário da firma, a principio para não deixar aquelas terras abandonadas, posteriormente o jornal não publicou notícias referentes a esta ação.

Pode ser percebida, a instalação desta fabrica na região da colônia Dona Luiza nas proximidades do bairro de oficinas, aos redores da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande, escoando a sua produção diretamente por esta via.

É comum associarmos a imagem de Francisco Matarazzo como um homem bem sucedido, como alguém que pensa além do seu tempo, mas o que poucos fazem a relação de que o mesmo estava influenciado pelos ideais capitalistas da época, dispondo de vários artifícios que o faziam se destacar economicamente.

Ao analisar as notícias do jornal Diário dos Campos, o Matarazzo comprava uma grande quantidade de porcos, pagando por um preço mais alto do que qualquer outro fabricante poderia pagar pelos animais.

Se utilizando deste argumento de que também estaria beneficiando os criadores, assim como na tentativa de reduzir o seu prejuízo no ato da compra, buscava que o Estado concedesse uma redução no imposto sobre o suíno abatido.

Artifício que proporcionava o mesmo produzir a banha em larga escala, e conseguisse outro desconto sobre a exportação do produto, alegando que a quantidade de banha exportada pelo mesmo era grande, e que mesmo com o imposto reduzido o Estado poderia lucrar.

Ou seja, percebe-se que o conde Matarazzo, ao

mesmo tempo poderia passar uma imagem de um homem que propícia o crescimento de uma região, conseguia por meio destas ações ampliar e dominar o mercado banha, principalmente a nível estadual, desestabilizando os fabricantes locais, proporcionando a descontentação entre os demais concorrentes, pelo fato de não conseguirem os mesmos benefícios que o conde italiano.

Além do fato do jornal trabalhar sobre a questão da higiene do produto, sobre o imposto da banha, podem ser uma das razões do jornal publicar inúmeras notícias com intuito não somente de enquadrar a indústria da banha dentro dos aspectos da modernidade e progresso em defesa dos fabricantes legais. Pode também ser levado em conta o interesse dos próprios fabricantes que por meio deste veículo de comunicação pretendiam sensibilizar a opinião pública em prol dos seus interesses, principalmente pelo fato de muitas vezes este produto ser vendido para população por um preço mais alto do que aquele proveniente do interior do estado.

Considerações finais

O comércio de banha se desenvolveu durante a década de 1920 em Ponta Grossa, favorecido pela implantação da ferrovia, por onde seria exportada para o interior do Paraná e outros estados do país, além da energia elétrica que dinamizava a fabricação.

Aliado com a vinda do imigrante e os seus descendentes que detinham a técnica da produção, com a possibilidade de ascensão econômica, política e social, podia estar relacionada ao empreendedorismo de uma família ou de uma sociedade entre os fabricantes

O Bairro da Nova Rússia foi um local estratégico para a entrada de suínos e a instalação das principais fábricas nesta região, assim com a questão econômica da cidade inserida nos setores secundários e terciários, consolidando esta atividade na década de 1930, competindo em representatividade com o comércio de madeiras e erva-mate.

O discurso da “dita modernidade” esteve em voga, principalmente relacionado ao progresso científico da época, como a utilização da energia elétrica, automóveis, trens, telefone e o próprio jornal como aparato tecnológico.

Analisando as fontes da época foi possível perceber que determinados aspectos do comércio de

banha, como o processo de fabricação e comercialização da banha imprópria para o consumo, a questão sanitária dos estabelecimentos, a instalação irregular das fábricas no centro da cidade foram comuns durante este período.

Aspectos estes que estavam presentes no discurso sobre a modernidade, adotado pelo Diário dos Campos, principalmente com relação à entrada de banha clandestina, principalmente aquela fabricada no interior do Estado. Onde seus fabricantes não pagavam o devido imposto sobre a produção e não sujeitando, o mesmo para a inspeção sanitária. Propiciando que o jornal fizesse várias campanhas contra a este tipo de comércio, adotando um tom de moralidade em suas páginas.

Com a questão sanitária, foi comum o jornal publicar as reclamações dos leitores sobre a concentração de suínos em locais impróprios para a criação dentro do quaro urbano, especialmente na região central da cidade, cobrando devidas providências dos órgãos competentes.

Paralelo a isto, o jornal publicou as ações da inspetoria de higiene, com o intuito de informar os serviços prestados por este órgão, assim como descrevendo as etapas de fiscalização da banha, com o intuito em apresentar os benefícios da fiscalização para aqueles fabricantes que não sujeitavam seu produto a inspeção que poderiam vender um produto de qualidade, que atendesse os asseios de higiene e inspeção sanitária. Artificio este funcionava como fonte de credibilidade, incentivando ao leitor a consumir o produto fabricado em Ponta Grossa, e tinha a sua qualidade comprovada por meio da fiscalização.

Durante a década de 1930 foi comum a publicação no jornal dos atos da diretoria de higiene, visando o controle e ordenamento do espaço urbano, para que os infratores sobre tudo os criadores de porcos e fabricantes de banha, tomassem providências para regularizar a situação.

Este tipo de atividade não ocorreu somente com o intuito em punir os infratores, mas no sentido de demonstrar as ações deste órgão na cidade, organizando e normatizando o espaço urbano, para que a cidade atendesse ao discurso da cidade civilizada.

Através da análise das páginas do Diário dos Campos, pôde ser percebido que o fabricante da banha estava inserido em vários segmentos da sociedade, dentro do âmbito econômico, político, cultural e social, participando de associações, sindic

tos, partidos e agremiações.

Ao mesmo tempo descrevia a atuação destes na sociedade, famílias como Justus, Hilgemberg, Nadal e Schenekenberg, se destacaram neste ramo, ênfase a pessoa de Christiano Justus e David Hilgemberg, que tiveram uma atuação presente nas páginas do jornal destacando-se em outras atividades econômicas.

O jornal utilizou de artifícios para dar credibilidade as notícias publicadas, como busca de fontes, por meio de campanhas em conjunto com o Centro Comércio e Indústria (C. C. I.), realizando investigação jornalística e reuniões na redação do jornal, com intuito em abordar os aspectos pertinentes ao comércio de banha, ora para destacar atuação destes no meio social.

Iniciativas como estas fizeram do jornal como veículo de comunicação com iniciativa e liderança, defendendo assuntos relativos aos fabricantes, principalmente aqueles que pagavam os impostos e colocavam o seu produto a disposição da inspetoria e higiene.

Motivos como os citados acima levaram os fabricantes locais no final da década de 1930, a organizarem uma Associação dos Comerciantes de banha, como órgão de representação da classe, agindo principalmente no propósito de amenizar a alta dos impostos sobre o produto, a entrada de banha clandestina na cidade, a concorrência com a firma Matarazzo e a banha rio-grandense e na tentativa de sobrevivência no mercado.

Embora de maneira breve, houve a instalação de uma fábrica de banha da Matarazzo na cidade. Por desentendimentos entre representantes da firma, que queriam ser beneficiados pela isenção de imposto, e a prefeitura, que era contra esta medida, a mesma mudou-se para Jaguariá. Posteriormente, tal episódio rendeu várias notícias, porque a mesma era concorrente direta dos industriais locais.

Este foi o contexto histórico que as fábricas de banha estavam inseridas, obtendo destaque nas páginas do Jornal Diário dos Campos, sendo possível analisar a representatividade que esta atividade teve por meio da análise deste meio de comunicação, e quais discursos e representações foram adotados pelo jornal em menção ao comércio deste período.

Percebe-se então, que o jornal Diário dos Campos procurou defender este comércio na cidade, organizando campanhas e reuniões contra o aumento dos impostos e entrada de banha clandestina. Em suas páginas publicou o tabelamento do preço dos

produtos e promoveu em suas edições especiais homenagens aos fabricantes de banha, apresentando em suas páginas a importância deste comércio para a economia ponta-grossense da época. Através da análise do Jornal Diário dos Campos, pôde-se ter uma melhor compreensão do contexto histórico da cidade de Ponta Grossa na década de 1930, referentes a publicações sobre a banha.

Fontes

Jornal **Diário dos Campos**.

Arquivos: Casa da Memória e Museu Campos Gerais.

Períodos pesquisados: 1921-1923; 1932-1939.

Álbum de Ponta Grossa. Gestão do Prefeito Albarry Guimarães. 1936.

Arquivo: Casa da Memória.

Livro de Impostos da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa.

Arquivo: Casa da Memória.

Levantamento realizado: 1920-1927; 1929-1938.

Mapa de Ponta Grossa década de 1920.

Arquivo: Casa da Memória do Paraná.

Tabela - **Distribuição da população por atividades produtivas, segundo sexo e idade**, Ponta Grossa – censo de 1920.

Tabela - **Distribuição de imigrantes por atividades produtivas, Cartório Sant'Ana de Registro Civil**. Ponta Grossa – 1889-1920

Referências

ALVIN, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres no campo. In: NOVAIS, Fernando. A. (Cor.); SEVCENKO, Nicolau. (Org.). **História da vida privada no Brasil 3**. São Paulo-SP: Companhia das letras, 1998.

BACH, Arnaldo Monteiro, **Porcadeiros**. Ponta Grossa Pr: Do autor, 2009.

- BUCHOLDZ, Alessandra Perrinchelli. **Diário dos Campos memórias de um jornal centenário**. Ponta Grossa - Pr: UEPG, 2007
- BOGUSZEWSKI, José Humberto. **O conceito de representações sociais, entre as imagens, a imaginação e o imaginário**. Artigo. Data não informada.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997
- CARDOSO, Jayme Antonio.; WESTPHALEN, Cecília Maria. **Atlas Histórico do Paraná**. Curitiba: Livraria do Chain Editora, 1986.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHAVES, Niltonci Batista. **A cidade civilizada: discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos na década de 1930** – Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.
- CHAVES, Niltonci. Batista.; BREMBATTI, Kátia. **Desenvolvimento e Sociedade: ACIPG 85 anos de História**. Ponta Grossa-PR. Ed EUPG, 2008.
- CHAVES, Niltonci Batista. **Do Centro Comércio e Indústria ao Selo Social**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2006.
- COUTO, Ronaldo Costa. **Matarazzo**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2004.
- DITZEL, Carmencita de Hollenben Mello. **Imaginário e representações: o integralismo nos Campos Gerais (1932 – 1955)**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- FRANCO, Gilmara Yoshihara; SILVA, Márcia Pereira da. **Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica**. Revista História em reflexão, vol. 04 nº 08. UFGD, Dourados jul/dez 2010.
- GOMES, Angela Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o privado e o público. In: NOVAIS, Fernando. A. (Cor.); SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org.). **História da vida privada no Brasil 4**. São Paulo-SP: Companhia das letras, 1998.
- HOBBSAWM, Eric John. **Sobre a História**. – São Paulo, companhia das letras. 1998.
- LINHARES, Maria. Yedda. **História Geral do Brasil: da colonização portuguesa à modernização autoritária**. Rio de Janeiro – RJ: Campus, 1990.
- LORENZO, Helena de Carvalho De; COSTA, Wilma Prestes da. **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- PINTO, Elisabete Alves; GONÇALVES, Maria Ap. Cezar. **Ponta Grossa: um século de vida (1823-1923)**. Ponta Grossa: Kugler, 1983.
- SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **A alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 42, p. 11-31, 2005. Editora UFPR
- THOMPSON; Edward Palmer. **A miséria da teoria, ou um planeta de erros, uma crítica ao pensamento de Althusser**. Zahar Editora, Rio de Janeiro – RJ, 1981.